

**Cestos com** *asas*



# *Cestos com* **asas**

**OFERTA**



Junta de Freguesia  
de Gonçalo

# *Cestos com* **asas**

## **Edição**

Câmara Municipal da Guarda / Núcleo de Animação Cultural  
e Junta de Freguesia de Gonçalo

## **Coordenação**

Américo Rodrigues

## **Produção**

Sílvia Fernandes

## **Textos**

Ana Pires e António Proença Cardoso

## **Tradução**

Ana Sílvia Torres Oliveira (Textos de Ana Pires e António Proença Cardoso)  
e David Wilmhurst (Texto de Ana Pires)

## **Fotografia**

Arménio Simão Bernardo

## **Catálogo das peças fotografadas**

Ana Maria Barbosa

## **Design**

Sérgio Currais

## **Impressão**

Tondelgráfica

## **ISBN**

972-8813-09-0

## **Depósito Legal**

198484/03

## **Agradecimentos**

Fernando Nelas Pereira e Pedro Pires

## **Tiragem**

1000 exemplares

**Julho de 2003**

A reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer meio, não autorizada por escrito pelo editor,  
é ilícita e passível de procedimento judicial nos termos da lei.

# Breves incursões na História de Gonçalo

António Proença Cardoso

Este pequeno estudo não pretende descrever toda a história de Gonçalo, pois se assim fosse e tendo em conta os condicionalismos próprios deste contexto, estaríamos a correr sério risco de o tornar demasiado descritivo, factual e conseqüentemente simplista e superficial. Procuramos antes abordar algumas épocas, questionando os acontecimentos, reflectindo sobre os factos, tanto quanto possível objectivamente, de forma a entendermos as realidades e outras situações menos reais, para que se possa, para já, iniciar o difícil processo de “fazer História”.

A História não é ciência exacta, cujo saber esteja definitivamente concluído, e não são poucas as vezes em que é reformulado; tal serve para vos dizer que nem tudo o que vos apresento se encontre terminado, definitivamente verdadeiro. Não, num percurso histórico de séculos, a maior parte dos acontecimentos perde-se, outros são desfigurados e todos são moldados, ora por quem os “descreveu” na época, ora por quem os veio a reescrever mais tarde. Na história de Gonçalo também tal se fez e fará, acrescentando-se, para além disso, muitas “zonas brancas”, demasiados períodos ligeiramente estudados, e que, por isso mesmo, vão-se adiantando hipóteses que exigem tempo de estudo e investigação, paciência e uma grande dose de persistência até serem confirmadas cientificamente.

O maior património histórico de Gonçalo é sem dúvida alguma a cestaria, actividade milenar que as suas gentes souberam e conseguiram perpetuar ao longo de séculos e redescobri-la nos séculos XIX e XX. Este empreendimento é, por si só, sinal de valor, criatividade e também de esperança.

A nossa freguesia (elevada a essa categoria no século XVII), embora não sendo particularmente rica em património histórico monumental, nem apresente um passado grandioso; possui tal como todas as outras, a sua história, o seu percurso ao longo de séculos, quiçá de milénios, percorreu indubitavelmente períodos, uns melhores que outros, uns registados, outros nem por isso. Assim, o que realmente nos importa aqui, não é a história dos homens insignes. Certamente que não o teriam sido sem aquela massa humana de milhares de indivíduos, de vidas simples, sem nome, nem registo, mas cuja força e vontade provocaram transformações, produziram acções e fizeram a história de um povo, de uma nação, de um país. São estas acções que tentaremos de alguma maneira reviver agora, no seu todo.

Poder-se-ia pensar que a origem do nome de Gonçalo provém dos termos germânicos “gundi” e “salvus” (este já latinizado). “Gundisalvus” seria o valente em combate, o valoroso na guerra. Todavia não se encontraram, em Gonçalo, quaisquer vestígios da presença dos povos bárbaros que invadiram o Império Romano, ocuparam e viveram na Península Ibérica entre 409 a 711. Suevos, Alanos e Vândalos primeiro, a que se seguiram os Visigodos que, submetendo gradualmente os povos invasores que os haviam antecedido dominaram toda a Península. É verdade que a nossa zona foi ocupada primeiro pelos Alanos e depois pelos Visigodos, e há até historiadores que mencionam registos dos primeiros em Valhelhas. Também é verdade que na nossa região se vão encontrando vestígios destes povos, caso da lápide visigótica na aldeia dos Açores, a re-

ferência da “Ward” visigótica à Guarda, achados aqui e ali de moedas, para já não falar da Egitânia visigótica na Idanha-a-Velha. Tudo isto leva a crer que estes povos por cá passaram, não se sabendo ao certo o grau de intervenção e transformação que provocaram, pelo menos na nossa zona.

De qualquer maneira, pensamos que a origem do nome Gonçalo se deve a um homem, talvez um mestre da Ordem Militar de Alcântara (antes conhecida por Ordem do Pereiro), um Gonçalo Perez (séc. XIV) ou Gonçalo Martínez (14º mestre), ambos mestres desta ordem militar à qual pertenceu a comenda (rendas eclesiásticas) do concelho de Valhelhas até 1385 (D. João I), na qual estava integrado Gonçalo (termo de Valhelhas) que, na época e até D. Manuel, seria conhecido por “outeiro”, conforme referência no foral novo de Valhelhas em 1514. Este nome - outeiro - é sem hesitação o nome dado à localização do aglomerado populacional que existia na colina, na pequena elevação, hoje conhecida por “castelo dos moiros”. Tendo em conta que o local foi ficando sem população que se espalhou por toda a área Sul / Sudoeste e mais tarde, a Oriente, onde hoje se encontra a povoação, a designação ficou sem sentido, sendo substituída, na falta de melhor, pelo nome do senhor - Gonçalo ou Gonzalo - nome aliás bastante comum na Idade Média Peninsular.

O “castelo dos moiros” que nada tem de árabe, sendo apenas uma designação atribuída pelas populações que desconheciam o povo que aí tinha vivido, tal como castelão, castelejo e até “casa da moira”, é um castro de finais da Idade do Bronze (segundo Adriano Vasco Rodrigues), ocupado inicialmente por volta do primeiro milénio antes de Cristo e que consiste num pequeno aglomerado de construções circulares e ovaladas, em pedra, com ban-

cos em toda a volta das paredes interiores e com uma lajeira central. A cobertura seria de colmo (fibras vegetais). Estas construções estavam rodeadas de muralhas e dependendo da importância do castro, por uma ou mais cinturas. De facto, ainda existem alguns vestígios destes muros no “castelo dos moiros”, tal como fragmentos de cerâmica utilizada no dia a dia dessas populações. Talvez pudéssemos obter mais informações se o castro fosse submetido a uma escavação arqueológica, embora os seus terrenos tenham sido lavrados e cultivados e por isso, destruídos os vestígios originais. Desconhecendo-se inclusive se as populações residentes na área alguma vez encontraram e recolheram vestígios.

As populações do castro teriam mais tarde sofrido invasões de natureza indo-europeia e posteriormente céltica, não se sabendo ao certo quer a quantidade de indivíduos que se juntaram, quer conseqüentemente o grau de transformações provocadas com esta nova cultura, à excepção do aparecimento de novos ritos funerários e de um novo metal, o ferro. Deste caldeamento resultaram os povos hoje conhecidos globalmente como Celtiberos, que foram desenvolvendo formas de vida próprias, sem contudo se distinguirem completamente entre si, dando origem aos Lusitanos, Célticos, Galaicos, Vetões ...

É rara a povoação do distrito da Guarda cujas origens não esteja relacionada com a cultura castreja. O nosso castro do “castelo dos moiros” teria sido ocupado por centenas de anos até, provavelmente, à conquista romana. E a sua população teria integrado a “grande nação lusitana”, os “Lusitani”. Designação genérica que parece abarcar um conjunto diversificado de comunidades e povos, aparentemente independentes uns dos outros, mas com a mesma base étnica, que ocuparam o centro de Portugal en-

tre o Douro e o Tejo, a entrar pelo território espanhol; dos quais felizmente os romanos nos deixaram algumas informações, mas que, mesmo após as investigações actuais, elas são ainda insuficientes.

A sua economia baseava-se predominantemente na criação de animais - cabras, ovelhas, bois, porcos e cavalos, cuja carne, leite e seus derivados aparecem como base da alimentação e principal fonte de riqueza e as peles como meio de intercâmbio a serem trocadas por cerâmica, sal e utensílios de metal, além de utilizados no vestuário e fabrico de armas. Já utilizavam o arado, também cultivavam o trigo, a cevada, o centeio, a vinha e o linho. Bebiam uma espécie de cerveja e pouco vinho. Actividades como a tecelagem, a olaria e naturalmente a cestaria estariam presentes na vida quotidiana dessas populações e, nesta conformidade, os cestos em fibras vegetais abundantes na zona faziam parte dos seus utensílios para transportar e armazenar produtos e alimentos. É possível que as populações do castro do "castelo dos moiros", antes da chegada dos romanos, fizessem parte dos lancienses; povo referido pelos romanos na ponte de Alcântara (Tejo) que habitava a norte de Idanha-a-Velha. Ou talvez Taporos, povo presumivelmente instalado na vertente oriental da Serra da Estrela. Ambas as hipóteses são apenas suposições com algum fundamento. De qualquer maneira estes povos e a nossa região sofreram a invasão e ocupação romana durante cerca de seis séculos.

Documento de 1758 do padre António Rodrigues Leitão, em resposta a um inquérito do rei D. José, refere a existência de "uma estrada a que chamam de Viriato" a poente de Gonçalo com um comprimento, na altura, já só de apenas 300 a 400 passos e que se dizia atravessar toda a Serra da Estrela até Celorico. É sem dúvida uma

estrada romana, tal como os vestígios de uma outra perto do chamado carvalho grande. Para além disso, é inegável a descoberta nos meados do século passado, de uma "villae" romana na margem sul da estrada para a cruz da pedra, na qual encontraram vestígios de alicerces, bastantes restos de cerâmica, objectos em vidro e uma construção a que chamaram de forno (desconhecemos onde foram parar esses vestígios). De facto, em toda a zona, de sul a poente do castro, encontramos, ainda hoje, vestígios de cerâmica, designadamente as "tegulae" e "imbrices", para além de outra mais fina e rica de uso quotidiano.

Existe uma outra passagem no documento acima referido que nos parece ser vestígio de um provável acampamento militar romano. Diz o padre António Rodrigues Leitão que "há nesta terra em grande campo (...) distância de meia légua umas valas bastante fundas e em partes alguns montes de terra levantados em altura de dois homens (...); adianta presumindo serem de exércitos. No nosso entender, há três fortes razões para esta suposição. Primeiro porque passava bem perto, uma das grandes vias imperiais mandada construir por Augusto, que ligava a capital da Lusitânia (Mérida) a Bracara (Braga), passando por Cáceres, ponte de Alcântara, Egitânia, "Centum Cellae", Catraia, Valhelhas, Famalicão (serra dos Bois), Assedace, Galhardos, Mangualde e Viseu – facilitando a movimentação das tropas; depois, porque o vale da Gaia era rico em metais, explorados por eles conforme sua indicação, tal como a utilização dos cestos, e por último, não esqueçamos que o vale do Zêzere na nossa zona é uma porta de entrada para o "Mons Herminius", último reduto dos lusitanos que era necessário conquistar e pacificar. Lamentavelmente estes vestígios jamais se poderão comprovar, pois terão desaparecido para sempre, por via da

extracção de metais levada a cabo pelas chamadas “dragas”, que revolveram no século passado todo o vale da ribeira da Gaia.

Duas importantes conclusões hão-de retirar-se destes apontamentos. Primeiro Gonçalo teve origem no castro, cuja denominação primeira foi de “outeiro” e a sua população indígena foi obrigada pelos romanos a descer para o vale próximo a Sul/Sudoeste, de terras mais férteis e mais próprias para a agricultura, deslocando-se em seguida para o local onde hoje se situa, ainda durante a dominação romana. Este movimento e respectiva data não estão ainda completamente esclarecidos e uma intervenção arqueológica nestes locais não seria de todo despojada de sentido.

No século XII, em 1188, o rei D. Sancho I atribuiu carta de foral a Valhelhas, constituindo um concelho a partir das terras da coroa. Esta comunidade era formada pela vila de Valhelhas e seu termo (arredores), abrangendo os lugares de Famalicão, Gonçalo (outeiro na época) e Sarzedo. O concelho gozava de alguma autonomia e organização própria, pois possuía uma assembleia de homens bons formada por proprietários e comerciantes mais ricos, que elegiam entre si, anualmente, os seus magistrados que aplicavam a justiça e cobravam impostos, administrando portanto essa comunidade.

A fundação de um concelho na nossa zona, constituído pelas três povoações à volta de Valhelhas, poder-nos-á levar a pensar que poderia ter existido anterior mesmo à nacionalidade, alguma forma de coesão, de ligação “institucionalizada” entre esses povos, quer fossem meramente consanguíneos, de defesa, ou formação de grupos para incursões de pilhagens a terras mais ricas. Talvez estes povos “lusitani” tivessem criado uma espécie de cintura de defe-

sa a Valhelhas constituída pelos castros desses três lugares (conforme opinião de Alípio da Rocha na Monografia de Valhelhas). Tal não seria de todo improvável! É de crer que os romanos tivessem mantido essa ligação (física e institucional), visto não estar definitivamente colocada de lado a hipótese do estabelecimento de um pequeno município romano, uma certa “civitates” nesta zona, aproveitada depois pelo segundo rei de Portugal aquando da atribuição do foral. Estas quatro povoações estabeleceram fortes ligações entre as suas populações, apresentando um percurso histórico comum de milénios. Cinturas de defesa, várias famílias patriarcais do mesmo sangue, povos da mesma “gentilitas”, formariam eventualmente uma “gens”; o certo é que atravessaram toda a romanização, formaram concelho que percorreu toda a Idade Média e Moderna, extinguiram-no em meados do século XIX para virem a integrar o lado Sudoeste do actual concelho da Guarda. Viveram e sentiram, portanto, os mesmos problemas ao longo de milhares de anos e desconhecemos a razão do fraco aproveitamento deste património comum.

Logo após a atribuição de carta de foral a Valhelhas e seu termo, D. Sancho I atribuiu a comenda (benefícios eclesiásticos dados a clérigos e leigos, como recompensa de serviços prestados) de Valhelhas (das igrejas do concelho, incluindo a do lugar de Gonçalo) à ordem militar de S. Julião do Pereiro, mais tarde de Alcântara. Embora exista alguma controvérsia à volta desta comenda, visto aparecerem documentos da época que falam da comenda de Valhelhas e seu termo pertencente à ordem dos Templários e à de Avis, parece-nos tal como a Alípio da Rocha, que a comenda pertenceu sempre à ordem de Alcântara até D. João I (1384) e que após ter voltado à coroa por traição da ordem militar que participou na batalha de Aljubarro-

ta ao lado do rei de Castela, a doou logo de seguida a nobres, o segundo dos quais, Álvaro Gil Cabral (alcaide da Guarda), participou nas lutas contra Castela. Supomos que esta polémica tenha origem, quer num empréstimo que a ordem de Alcântara contraiu à dos Templários e extinta esta à de Avis, e por penhor foi dada a comenda de Valhelhas que, após pagamento lhe foi restituída, quer a alguma confusão à volta dos nomes dos mestres dessas ordens, proveniente de má interpretação das fontes históricas.

O foral de Valhelhas e seu termo atribuído por D. Sancho I, foi confirmado mais tarde em 1215 pelo filho, o rei D. Afonso II. D. Manuel na reforma dos forais, em 1514, torna a confirmá-lo mantendo inalterado o seu termo – lugares de Famalicão, Gonçalo e Sarzedo. A partir de D. João I a comenda muda de mãos com alguma frequência entre a nobreza, mas quase exclusivamente entre a família dos Cabrais e dos Castros, pelo menos até finais do século XVI, quando é atribuída aos condes de Castelo Melhor, designadamente em 1584 ao 1º conde, Rui Mendes de Vasconcelos, até início do século XIX (1811), pois volta de novo aos bens da coroa. Estes senhores, primeiro eclesiásticos e mais tarde nobres, que de alguma forma estiveram ligados à nossa povoação e às outras do concelho, pouco ou nada influenciaram a sua vida, a maior parte deles limitava-se a recolher as rendas, sem contudo sequer as visitar. De facto, tais benefícios não eram permanentes e não raras as vezes o rei as retirava para as doar logo de seguida a outros.

Relativamente à cestaria, se ela foi como temos a certeza, bastante aproveitada pelos romanos - Catão afirmava que em cada quinta ("villae") devia haver entre várias culturas e árvores, os salgueiros, para se fabricarem cestos - até mesmo na extracção, transporte e lavagem dos metais

em todo o vale da Gaia - lembramos que até há bem pouco tempo os metais apareciam à superfície – é de admitir que durante toda a Idade Média a produção de cestos, pelo menos para consumo próprio e como complemento das actividades agrícolas, se materializasse. Os habitantes de Gonçalo faziam-nos porque necessitavam deles e quando um se inutilizava substituíam-no por outro novo, não para ser vendido ou trocado, pois seriam escassos os cestos construídos com fins meramente comerciais. É claro que existe alusão nos forais de Valhelhas a mercados e açougues, mas sem qualquer informação sobre os cestos, aqui, ou no pagamento de taxas e impostos. Efectivamente não seria uma mercadoria! Nem teriam grande significado nas actividades económicas da época, pelo menos na nossa zona. Naturalmente que se utilizavam no transporte e armazenamento de produtos, fundamentalmente nas actividades agrícolas e domésticas. Mas a sua produção não estaria ainda especializada e portanto a maior parte das pessoas sabiam-nos fazer. Para além disso, a moeda era rara, nos meios rurais e nos estratos sociais baixos.

Em meados do século XVIII, mas já provavelmente no século anterior, a freguesia de Gonçalo possuía uma razoável dimensão. Assim, em 1758, apresentava cerca de 260 fogos, enquanto que o número de habitantes rondava os 597. Ultrapassou a sede do seu concelho, que está nesta época em declínio e qualquer das outras povoações do concelho. Tal nos afirma o padre António Rodrigues Leitão em resposta ao inquérito de D. José, "Costuma este lugar ter um juiz ordinário, um vereador e um procurador que fazem a metade da Câmara da vila de Valhelhas por a dita vila ser muito pequena e não há gente bastante para servir as ditas ocupações, e tem mais este lugar um juiz espadano (...)" . À época, a cidade da Guarda, sede de con-

celho, de comarca e bispado possuía 743 fogos e 2891 pessoas com mais de 7 anos.

No referido inquérito ao qual o pároco de Gonçalo, António Rodrigues Leitão, responde em 1758, por ordem do rei D. José, não é dada qualquer informação sobre a cestaria e nesta conformidade, adiantamos como já o dissemos anteriormente, que esta actividade artesanal não tem ainda qualquer evidência. Atrevo-me mesmo a afirmar que ainda não a tem, nem em termos económicos, é claro, mas também em termos de quantidades produzidas. De contrário o padre Leitão teria forçosamente de a mencionar, e não o fez. Tanto mais que a questão número 13 do ponto II, pergunta que se indique "...tudo o mais que houver digno de memória, de que não faça menção o presente interrogatório" e ainda na questão 20 do ponto III, que se refira "...qualquer outra coisa notável que não vá neste interrogatório.". Concluímos assim que a cestaria continua a ser, com bastantes probabilidades, de auto-consumo e, se as famílias necessitam deste tipo de apetrecho, faziam-no e utilizavam-no nos campos ou em casa, sem que a sua produção, ou até utilização, seja de tal modo desigual, que o padre Rodrigues Leitão fosse compelido a referir tal facto. Ainda não existe mercado para este produto, ou se o há, será ocasional e em troca directa para satisfazer as necessidades mais imediatas de alguém que os não sabe fazer. Até à data, não existe sequer menção de feira no concelho; mercado e açougue, sim, mas provavelmente local, na sede do concelho e de pequena dimensão. Da mesma maneira nada diz quando fala da ribeira da Gaia e do rio Zêzere relativamente a eventuais fibras vegetais (salgueiros) que se pudessem cultivar ou simplesmente colher para o fabrico dos cestos. O que também nos leva a reflectir se os cestos não poderiam ter sido feitos (e não só nesta

época), por exemplo, com a palha de centeio, já que era a principal produção da freguesia e nada o contaria como matéria-prima; aproveitamos para referir, que, por existir alguma ligação a Gonçalo acerca da introdução deste artesanato na ilha da Madeira, os reclusos da cadeia do Funchal produziam cestos em palha de centeio, em finais do século XIX. Com alguma probabilidade, na época dos castros e seguintes, um dos materiais utilizados seria o junco, fibra vegetal fácil de trabalhar e que existiria em grandes quantidades. Mas quanto ao salgueiro e para já não falar do vime, nada ou muito pouco sabemos ao certo. Pelo menos ainda não se cultivava, mas quanto à sua utilização... Portanto este tipo de cestaria que sempre se terá feito em Gonçalo até finais do século XVIII, é complementar à actividade agrícola, tanto mais que mesmo nos anos 40 e 50 do século XX, os cestos, afirmam-no muitas vezes os nossos cesteiros, nem sempre são fáceis de vender, enquanto que os lucros da venda desta produção nem sempre davam para o sustento da família, sendo necessário muitas vezes, nas feiras, recorrer-se à troca directa com outros produtos.

De igual forma, o nosso prior, também não menciona as duas casas senhoriais hoje existentes, pois ainda não teriam sido construídas, elas datam de finais do século XVIII, princípios do XIX.

A economia da freguesia de Gonçalo, neste século, em termos gerais e um pouco superficiais, baseava-se na agricultura, fundamentalmente nos cereais, sobretudo o centeio, menos milho e ainda menos trigo; para além disso, produzia-se muita castanha e colhiam-se muitos frutos (não se sabendo quais). O feijão, a oliveira (azeite) e a vinha (vinho) também se cultivam com alguma extensão. Na encosta da serra, cultivava-se a castanha e o centeio, existia a criação de gado, sobretudo de cabras e de ovelhas,

enquanto que o coelho, a perdiz, o javali e a corça (mais raros), eram animais selvagens que por aí se caçariam.

A actividade artesanal da cestaria, tal como hoje a conhecemos - profissão a tempo inteiro e independente de qualquer outra actividade económica - inicia-se, sem grande margem de dúvida, em finais do século XVIII, talvez com maiores probabilidades em princípios do século XIX. Os assentos de nascimento das décadas de 60, 70 e 80 do século XIX revelam que os pais das crianças baptizadas são na maioria cesteiros, número que vai diminuindo à medida que nos aproximamos do início do século. Embora esta investigação esteja ainda a decorrer e os dados entretanto obtidos não sejam ainda suficientes, podemos para já retirar algumas conclusões válidas, entre as quais se nos afigura credível que para existir tão grande número de cesteiros – que pensamos ser a tempo inteiro, logo como profissão única - em meados do século XIX, terão de ter aprendido com os pais, sendo provável que também os avós tenham sido cesteiros, o que nos leva ao início do século. Assim, para que uma profissão ou actividade económica, por muito pouco sustentável que seja em termos económicos, possa manter o trabalhador, para já não falar da família, terá de existir, pelo menos um pequeno mercado capaz de absorver a produção, por muito pequena que seja. Esse mercado existiu, pelo menos a partir de inícios do século XIX.

A reforçar esta tese, temos uma das hipóteses adiantadas para a introdução da manufactura da cestaria na ilha da Madeira, nos princípios desse século. O senhor da comenda de Valhelhas e do seu termo, logo também de Gonçalo, D. Afonso de Vasconcelos, filho do conde António José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, 9º conde da Calheta e 2º marquês de Castelo Melhor,

visita a ilha e leva consigo uma comitiva na qual se encontram cesteiros de Gonçalo que ensinam essa actividade a alguns naturais. Portanto parece-nos estar confirmado a existência de alguns cesteiros a trabalharem a tempo inteiro, em Gonçalo, a partir de inícios do século XIX.

É também em meados do século XIX que, segundo uma tradição não só de Gonçalo, mas também corroborada pelos Madeirenses, um natural de Gonçalo, cesteiro, de nome Joaquim Diogo, foi recluso na penitenciária do limoeiro e teria ensinado a arte da cestaria a um natural da Camacha que a teria levado para a ilha. Efectivamente, existe uma família Diogo, em Gonçalo, ao longo do século XIX, mas ainda não está confirmado a sua eventual ligação com o referido recluso, nem a sua prisão no limoeiro.

Não esqueçamos que é no século XIX que nasce uma nova ordem económica e que a segunda metade é sobretudo a época do liberalismo económico e da revolução industrial em Portugal. Após a eliminação de um conjunto de bloqueios que se arrastam de finais da Idade Média, caso da abolição de tributos e imposições dos velhos forais, como os direitos banais e as portagens, ou como a extinção da “Casa dos Vinte e Quatro”. Lembramos que o primeiro código comercial português aparece em 1833. Por tudo isso, os transportes desenvolvem-se, o campo fica mais perto dos centros urbanos, o comércio aumenta, a vida quotidiana, quer dos campos, quer das cidades altera-se. Enfim, toda a vida social e económica modificou-se profundamente em Portugal. O artesanato da cestaria, em Gonçalo, e quiçá noutros lugares, acompanhou esta transformação.

Relativamente à última metade do século XVIII, parece-nos que possam já existir cesteiros, mas não a tempo inteiro, especializados nestes trabalhos. De facto é ainda

demasiado cedo encontrar cesteiros especializados nestes trabalhos, sem terem de recorrer a outras actividades económicas. Pensamos que o seu número comece agora a aumentar a partir de algo que ainda desconhecemos e que tenha de alguma maneira originado a especialização de gonçalenses nesta arte. Aqui reside, em nosso entender, a grande problemática da cestaria de Gonçalo. Não importa tanto, quando começaram os trabalhos, mais ou menos especializados, da cestaria em Gonçalo. Até porque nos parece que foi, como já o afirmámos, na passagem do século XVIII para o XIX. Mais importante ainda é conhecermos como e porque é que este tipo de cestaria apareceu em Gonçalo. Como é que se processou este movimento, teria sido de fora para dentro, ou de dentro para fora? Produto da Revolução Industrial, ou apenas um dos seus elementos? Foi a partir de uma família, ou de um grupo delas já mais ou menos habituadas na produção de cestos? Porquê em Gonçalo, e o que está por detrás do seu aparecimento especializado!? Estas são interrogações que vamos tentando pesquisar, para construirmos hipóteses de investigação.

Chegados ao século passado, a manufatura da cestaria não pára de crescer, é um movimento ondulante, mas sempre em crescente, o cesto – produto artesanal, em oposição ao industrial – valoriza-se, os cesteiros crescem, engrossam as oficinas familiares, o seu número aumenta, a produção incrementa-se e desenvolve-se, os modelos alteram-se, reconfiguram-se, os mercados crescem e alargam-se. O mercado nacional foi completamente atingido. O internacional, sobretudo o europeu, abre-se. A cestaria gonçalense está em franca expansão. Os anos 60 e 70 são o auge, os anos de ouro dos cestos em Gonçalo. É nesta época que surge a Vergal, depois a Vimarte, fruto da

associação de vários cesteiros que já tinham oficinas onde trabalhavam cerca de uma dezena de cesteiros. Desperta de igual forma um ténue movimento sindical que acaba por desaparecer.

A tradicional oficina surge provavelmente em meados da primeira metade do século XIX e começa por ser um espaço no rés-do-chão da casa, onde apenas trabalha o cesteiro e que depois se vai alargando aos restantes membros da família e assim progressivamente a outros cesteiros de fora do agregado familiar, tenham ou não laços familiares.

Este movimento crescente acaba por desembocar nas “manufatureiras” da Vergal e da Vimarte, onde chegam a laborar 200 e mais operários. Em 1967, Gonçalo tem perto de 2000 pessoas, sendo mais de 500 cesteiros, quer a trabalharem por conta própria, quer por conta de outrem, em pequenas, médias ou grandes oficinas. Nesse ano de 1967, segundo o testemunho de um Presidente da Junta que era cesteiro, bem perto de 400.000\$00, só em moeda estrangeira, entraria todos os meses nos cofres de Gonçalo, pese embora a concorrência que já se começava a verificar com a produção da ilha da Madeira.

Os anos 70, sobretudo os últimos anos da década, iniciam um processo de desaceleração do desenvolvimento das décadas anteriores, com o esgotamento deste sistema de produção que se torna incapaz de concorrer com o estrangeiro (sobretudo o espanhol) e a ilha da Madeira, recriar modelos de cestos, alargá-los a outras funções e actividades, lidar com o aumento dos preços, abrir novos mercados, modernizar a gestão e administração das oficinas, reinventar espaços e instrumentos de trabalho, enfim adaptar-se a uma nova transformação profunda da economia, já não só nacional, mas sobretudo mundial.

## Bibliografia

### Geral

- CHORÃO, Maria José Bigotte, *Memórias Paraquiais*, Guarda, CMG, 2002.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Editora Arcádia, 1980.
- MARQUES, António de Oliveira, *História de Portugal*, vol. II, Lisboa, Palas Editores, 1977.
- MATTOSO, José, *Antes de Portugal*, vol. I, Lisboa, Edições Estampa, 1997.
- MATTOSO, José, *A Monarquia Feudal*, vol. II, Lisboa, Edições Estampa, 1997.
- ROCHA, Alípio da, *Monografia de Valhelhas*, Coimbra, Nova Edição JFV, 1997.
- SERRÃO, Joel ( direcção de), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 7 vols., 1981.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, INCM, 3 vols., 1998.

### Fontes

- CARDOSO, Padre Luís, *Dicionário Geográfico – Memórias Paraquiais 1757-1758*, vol. I, IAN/TT, Lisboa (microfilme no Arquivo Distrital da Guarda).
- Fundos Paraquiais do século XVI a XIX (distrito da Guarda), IAN/TT, Lisboa (microfilme no A.D.G.).
- Manuscritos das Comendas e Igrejas do Bispado da Guarda, Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Livro dos Forais Novos e Velhos (Leitura Nova, Fundos, séc. XII a XVI), IAN/TT, Lisboa.

## Brief approach to Gonçalo's History

By António Proença Cardoso

The origins of the village of Gonçalo, a parish in Guarda's county, re-mount to the Proto-History. The *Castrum*, denominated "Castelo dos Moiros" ("Moor's Castle"), which is located west a few kilometres from the actual village, was most likely occupied by the end of the Bronze-Age (900-600 B.C.). Other peoples, for example Indo-Europeans and Celts, probably passed through this area and their ethnic welding may have resulted in a community, whose name we do not exactly know (Lancienses, Taporos...), but that by the time preceding the Roman invasion, it most surely belonged to the "Lusitani great nation".

This region situated between the rivers Tejo and Douro, with its centre in "Mons Herminius" (Serra da Estrela), offered a strong resistance to the Romans and it was the last region in the Peninsula to be pacified. There are several and documented vestiges of this occupation in Gonçalo's region. Fairly close to it certainly went by one of the main military routes, which was built by Augustus' order and which connected the capital of Lusitania, Merida (Emerita Augusta) to Braga (Bracara). Other Roman routes were discovered and there are ruins of a "villae" southwest of the village. As well as a reference given by the parish priest, in an 18th Century document, mentioning the existence of great ditches and of some mounts (considered to be vestiges of a Roman military camp), which were 3 to 4 metres high, being situated at 2 to 3 kilometres south from the nearby vale. These lands, which are rich in lead and tin, were exploited by them. There are still vestiges of a great "villae" ("Centum Cellae") that it would also dedicated itself to mine exploitation. All over the area, south-southwest from the "Castelo dos Moiros", one can still find vestiges of the *castrum's* population's occupation. They were forced by the Romans to go down hill and to settle in more fertile lands. This movement to south-southwest and later to east originated the present village.

It is believed that basketry, activity practiced by the population of the *castrum*, would have never been abandoned. On the contrary, and

since the Romans also performed this art, its inhabitants carried on the manufacture of the baskets, perhaps with rush or osier or with other vegetable fibres.

In the Middle Ages, in 1188, King Sancho I attributed the Royal Charter to Valhelhas, founding a county, whose limits included three more villages, being Gonçalo one of them. In this Royal Charter and in further confirmations by the Kings Afonso II and Manuel, Gonçalo was known as "outeiro" ("hillock"), a hill, or a small hill – the *castrum*. Only later was it substituted for "Gonçalo", which is believed to be the name of one of its lords, the Order of Alcântara's master.

In the 18th Century, the parish had about 260 houses and 597 inhabitants. Many of which made baskets for themselves, using them for agricultural and domestic activities. It was just by the end of the 18th Century, beginning of the 19th, that Gonçalo's basketry underwent specialization, becoming a full-time profession.

This kind of basketry manufactured in Gonçalo, with its own techniques and models, grows and develops from the small family workshop to many craftsmen's factories. It expanded its market abroad throughout the 20th Century, reaching its peak in the 60s and 70s, to then went through a crescent deceleration period until the profound crisis of our days.

# A Cestaria de Gonçalo, ComTexto.

Ana Pires, Geógrafa | Comissão de Coordenação da Região Centro

## 1. Gonçalo

Na estrada que liga a Guarda à Covilhã, um pouco antes de Belmonte, encontra-se o pequeno desvio que dá acesso a Gonçalo, sede de uma freguesia situada no limite Sul do município da Guarda, no qual se integra. Aí, a pouco mais de seiscentos metros de altitude, Gonçalo domina a planície onde, sinuosa, a Ribeira da Gaia corre num leito cascalhento e remexido pela intensa actividade mineira que, até há pouco, ali se desenvolveu. O rio Zêzere encontra-se a pouco mais de cinco quilómetros para Sul e é lá que a Ribeira desagua, definindo um vale, amplo e fértil, que anuncia já a Cova da Beira. Acima de Gonçalo a Estrela cobre-se de pinhais que substituíram os pastos que outrora ocupavam os baldios.

Mas, em Gonçalo, não é a agricultura, a pastorícia ou a silvicultura que melhor definem a economia do lugar, ou se encontram no centro da memória afectiva com que se constrói o sentido de pertença e se partilham identidades. Gonçalo, que é como quem diz, terra de cesteiros.

É que, em Gonçalo, todos sabem fazer cestos. Em Gonçalo, mesmo quem não é cesteiro sabe fazer cestos. Em Gonçalo, mesmo quem tira um curso superior sabe ainda tudo do mester da cestaria. Em Gonçalo, os poucos que não sabem fazer cestos, pertencem a famílias de cesteiros. Em Gonçalo, mesmo os que emigraram, os que "andaram no minério" ou foram para as "confeções", de Belmonte ou Covilhã, continuam a ser cesteiros, senão no ofício, no afecto e orgulho com que continuam cesteiros.

## 2. Onde se faz um cesto faz-se um cento (a Região em cestos e números)

Os resultados de um inquérito dirigido às Câmaras Municipais da Região Centro, em 1995, sobre Artes e Ofícios Tradicionais existentes nos respectivos concelhos, permitiram chegar aos seguintes apuramentos:

Quadro I	Todos os sectores artesanais			Entrançados e Entrelaçados		
	Lugares	Oficinas	Artífices	Lugares	Oficinas	Artífices
Baixo Vouga	204	316	422	43	58	68
Baixo Mondego	66	121	618	17	20	20
Pinhal Litoral	54	117	361	10	17	25
Pinhal Interior Norte	152	297	458	20	33	36
Pinhal Interior Sul	53	67	89	9	10	12
Dão - Lafões	132	214	413	26	31	43
Serra da Estrela	42	51	90	3	3	5
Beira Interior Norte	84	120	405	8	25	162
Beira Interior Sul	31	46	104	0	0	0
Cova da Beira	20	34	42	3	7	9
<b>Região Centro</b>	<b>838</b>	<b>1383</b>	<b>3002</b>	<b>139</b>	<b>204</b>	<b>380</b>

Em 1995 "Entrançados e entrelaçados" constituía uma forma, ampla e abrangente, de designar todo o tipo de produções em que se cruzem ou teçam fibras vegetais rígidas. Sob esta formulação acolhia-se pois quer a produção de cestaria, capacharia e esteiraria, quer o empalhamento de garrafas, garrafões ou cadeiras ou, se fosse o caso, até mesmo a cordoaria. Ainda neste grupo se incluíam todos

aqueles que fabricassem mobiliário em que o entretecimento de fibras vegetais fosse determinante no resultado final.

Num futuro muito próximo, esta designação, “entrançados e entrelaçados” deverá ser substituída por “Artes e Ofícios de Trabalhar Elementos Vegetais”. Com efeito, a partir da publicação do Decreto-Lei n.º 41/2001, de 9 de Fevereiro, que aprovou o Estatuto do Artesão e da nova redacção desse diploma, que lhe foi dada pelo Decreto-Lei 110/2002, de 16 de Abril, aprofundou-se um espaço de discussão sobre um conjunto alargado de questões – nomeadamente sobre as designações e respectivos conteúdos, que o Repertório das Actividades Artesanais, em vias de publicação, virá clarificar. As várias versões deste documento têm sido discutidas no seio da Comissão Nacional do PPAR (Programa para a Promoção dos Ofícios e Microempresas Artesanais) entidade responsável pela apresentação de propostas legislativas neste sector.

Aquele Inquérito sobre Artes e Ofícios Tradicionais só não foi respondido por quatro municípios (num total de 78) e embora fosse variável o grau de confiança de cada resposta, o intenso trabalho de campo, desenvolvido algum tempo antes por ocasião da elaboração do Catálogo de Artesanato da Região Centro (1992), permitiu corrigir algumas situações. Quer isto dizer que respostas como “no nosso concelho não há artesanato” conhecendo-se especialmente várias oficinas aí localizadas, não foram tidas em consideração. Do mesmo modo valores claramente exagerados ou empolados, passaram pelo mesmo tipo de crítica. Estes números, que admitem assim alguma oscilação (até porque muitas das actividades a que se referem não são desenvolvidas a tempo inteiro) devem ser, contudo, entendidos como um quadro de referência razoavelmente próximo da realidade que pretendiam traduzir.

Apesar de já terem passado oito anos relativamente ao momento a que estes elementos se referem, vale a pena dá-los a conhecer pois, embora se viva um particular momento de crise, se algumas das oficinas entretanto fecharam, não se terá alterado, de forma significativa, a expressão relativa de cada centro produtor relativamente ao total regional.

O quadro I mostra como este vasto domínio tinha assim, em 1995, larga expressão por toda a região e, só na Beira Interior Sul (que corresponde aos municípios de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Rodão), não se encontrava, naquele ano, qualquer uma daquelas produções<sup>1</sup>.

Quadro II	Porcentagem dos entrançados no Total			Entrançados e Entrelaçados Porcentagem das Sub-regiões na Região		
	Lugares	Oficinas	Artífices	Lugares	Oficinas	Artífices
Baixo Vouga	21.1	18.4	16.1	30.9	28.4	17.9
Baixo Mondego	25.8	16.5	3.2	12.2	9.8	5.3
Pinhal Litoral	18.5	14.5	6.9	7.2	8.3	6.6
Pinhal Interior Norte	13.2	11.1	7.9	14.4	16.2	9.5
Pinhal Interior Sul	17.0	14.9	13.5	6.5	4.9	3.2
Dão - Lafões	19.7	14.5	10.4	18.7	15.2	11.3
Serra da Estrela	7.1	5.9	5.6	2.2	1.5	1.3
Beira Interior Norte	<b>9.5</b>	<b>20.8</b>	<b>40.0</b>	<b>5.8</b>	<b>12.3</b>	<b>42.6</b>
Beira Interior Sul	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Cova da Beira	15.0	20.6	21.4	2.2	3.4	2.4
<b>Região Centro</b>	<b>16.6</b>	<b>14.8</b>	<b>12.7</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>

<sup>1</sup> Não posso deixar de considerar algo duvidoso que não houvesse, à época, um único cestreiro em Castelo Branco. Isto permite chamar a atenção para o facto de que nem sempre é fácil avaliar a qualidade destas respostas e de que modo elas traduzem a realidade das situações, pois só em 2001 a publicação do Estatuto do Artesão, veio esclarecer o sentido dessa designação. Na sua ausência, quem respondeu usou os elementos presentes nos serviços e, neste sentido, os dados apurados são comparáveis, significando o conhecimento existente nos municípios sobre a realidade das respectivas produções artesanais.

Dos três mil artífices referenciados, espalhados por mais de 800 lugares, 380 eram cesteiros ou trabalhavam com fibras vegetais rígidas. O quadro I, com os apuramentos em valor absoluto, e o quadro II, que o traduz em valores percentuais, mostram como a Beira Interior Norte (constituída por 9 concelhos integrados nos Agrupamentos de Guarda, Pinhel e Trancoso) significava mais de 40% do total da Região, predominância que tem tudo a ver com a localização de Gonçalo no concelho da Guarda pelo que o texto inicialmente escrito a comentar estes números começava, naturalmente:

“Em Gonçalo, concelho da Guarda, no limite Norte da Cova da Beira, trabalham o vime, fabricando dos mais delicados cestos às mais robustas cadeiras, 150 cesteiros. Temos, no entanto algumas dúvidas, sobre a actualidade deste número que, à semelhança dos outros (...), foi obtido por inquérito (escrito) dirigido à respectiva Câmara Municipal. Respeitar a informação recebida não significa aceitá-la passivamente e casos há em que o nosso conhecimento de campo nos permite ler e corrigir os valores apresentados de modo a torná-los mais reais. É assim que se pode afirmar que, se não temos dúvidas que em Gonçalo 150 pessoas sabem fazer cestos e outros trabalhos como cadeiras ou estantes, com um enorme domínio da utilização do vime, e que este número até podia ser duplo e continuar certo, na realidade, a ganhar a vida como cesteiros, o número mais correcto andarà próximo da metade”.

Se bem que já se tenha ministrado formação profissional a mulheres trata-se ainda, genericamente, de um ofício de homens e, em larga maioria, feito a tempo inteiro. Não quer isto dizer que, tipicamente, nalgumas sub-regiões, o trabalho não seja feito sobretudo numa determinada época do ano, geralmente, no Inverno, quando decresce sig-

nificativamente o ritmo do trabalho na agricultura. Tal é o caso da Bairrada onde muitos dos empalhadores de garrafas e garrafões ou mesmo dos cesteiros, no caso, “poceiros”, que aparecem referidos, o são a tempo parcial, uma vez que laboram quase sempre de casa em casa, sem oficina própria, durante os meses que o intenso trabalho agrícola os deixa mais livres, fazendo obra nova ou reparações.

Tal não acontece na periferia das áreas mais importantes de produção de fruta da região onde se encontram localizados alguns dos grandes centros produtores de cestos.

No limite Sul da Cova da Beira, na encosta da Gardunha, Alcongosta, outro grande centro produtor de cestos, perde também muita da sua antiga importância. Na terra dos almocreves que desde sempre puseram a Cova da Beira e as suas produções em contacto com os mercados do litoral, os actuais 7 cesteiros que aí laboram, executam robustos cabazes em madeira de castanho, ou confortáveis almofadas em esparto ou bracejo, constituindo o testemunho que permanece de um grupo profissional, em que há vinte anos se poderiam contar mais de trinta elementos. Há quem diga que o mundo está perigoso. Para os cesteiros, está com certeza, se nada for feito que elucide os potenciais compradores do valor (funcional, estético, cultural, patrimonial, identitário) da cestaria portuguesa; deveria ser possível fazer entender, a largas camadas de potenciais compradores, que a diferença de preço não se explica só pelo custo da mão-de-obra pago em contextos sócio-políticos muito diferentes, mas da própria qualidade, durabilidade, resistência e imagem das produções.

No Litoral o grande centro produtor de cestos localiza-se no concelho de Porto de Mós embora, a fazer fé nos

resultados do inquérito, só aí existam 4 oficinas a que corresponderiam 4 artífices. Na realidade, em quase todas as casas da Castanheira, lugar da freguesia do Juncal, daquele concelho, existe alguém que se ocupa nalguma das fases do fabrico das alcofas de esteira de junco que, aos milhares, são vendidas por todo o país. Há quem teça as esteiras, há quem as cosa e construa a alcofa propriamente dita, há quem entreteça e coloque o vime das asas e, antes do mais, há quem trate e tinja o junco. Na Castanheira, funciona o sistema de empreitada, que permite a acumulação do trabalho da cestaria com outras ocupações remuneradas, resolvendo ainda, de forma muito satisfatória, a resposta às variações da procura. O facto de existirem localmente alternativas de emprego, permite assim, que se mantenha a produção de alcofas em esteira de junco, pois que ela tem, para a generalidade das pessoas que emprega, um carácter supletivo. Como um dos locais que comercializa estas alcofas é Alcobaça, que é também onde se situam os principais armazéns, existe a ideia que se trata de produções daquele concelho, o que não é verdade. O topónimo "Juncal" diz tudo da ecologia desta produção, embora na actualidade o aprovisionamento de junco se faça por vezes bem longe.

Na freguesia de St<sup>o</sup>. Maria de Arrifana do concelho de Póvoa do Varzim, nos lugares de Casais e Ervideira, alguns dos melhores cesteiros trabalham a verga de castanho ou mimosa, executando cestos que, mesmo destinados a trabalhos rústicos, se apresentam de confecção muito cuidada. A cesta barquinha, o cesto de fundo fino, a cesta da terra, a quartita, a possante canastra, são alguns dos nomes de uma produção emblemática, em que o equilíbrio e a singularidade das formas vão a par com o rigor da execução. Dado que em Nandufe, concelho de Tondela, só agora se

dão os primeiros passos na recuperação da cestaria local, consideramos a cestaria de castanho e mimosa, de Póvoa do Varzim, como uma das mais perfeitas da região, embora na oficina do Outeiro, concelho da Sertã ou em Pinhanços, Seia, se encontrem cestos muito perfeitos.

Ainda no Litoral, outro dos núcleos, mais claramente definidos é o da cooperativa de mulheres "Cestinhos da Ilha" (Pombal) que, com o bracejo ou junça, faz os característicos capachos e carpetes, ao mesmo tempo que tenta adequar o seu saber fazer a outras utilizações. Tal é o caso dos revestimentos que fazem para tachos e assadeiras de barro, que tornam assim mais bonitos e cómodos aqueles frustes objectos, que deixam de queimar quando vão à mesa. Uma das principais queixas que se ouvem às animosas mulheres da Ilha diz respeito à dificuldade na obtenção de matéria-prima. Segundo elas, há tanto mais bracejo, quanto ele é regularmente "ceifado", por outras palavras, quanto mais se corta num ano mais existirá no ano seguinte. Como a produção de carpetes e capachos da Ilha quase acabou pelos primeiros anos da década de 80, ao colher-se menos bracejo, este foi deixando de se reproduzir nas quantidades habituais, diminuindo, de forma sensível, a sua ocorrência. Agora, com o retomar da produção, a velocidade com que é gasto não é acompanhada pela sua reposição, a qual se faz de ano a ano, "pela lua-cheia do mês de Junho".

Já aconteceu que na Ilha se fizeram as protecções dos tachos e caçoilos de barro feitos na vizinha Bajouca, uma simbiose que interessa a todos: ao consumidor e aos produtores. A utilização do bracejo, (ou junça, ou esparto), também se faz em Sortelha (Sabugal) e Vila Cova do Covelo (Penalva do Castelo), onde as antigas almofadas redondas de "palha" se transformaram em protecções para

os tachos e panelas, inovação que também se verifica em Alcongosta, ou na Mizarela (Guarda).

Pelas densas e irrigadas terras do litoral muitos outros cesteiros existem, dando resposta às variadíssimas solicitações que um cesto tão bem resolve. Não se encontram, no entanto, agrupados, como aqueles já referidos, pelo que não constroem uma imagem tão forte das suas produções. Mas onde se produz vinho, fruta, hortícolas, batata, existem cestos e cesteiros. Neste contexto se explicam cabalmente os 11 cesteiros de Anadia, os 9 que se encontram em Cantanhede e os outros tantos de Ovar, e os restantes que existem mais ou menos dispersos nos concelhos do Litoral. Na Batalha, porém, alguns dos 10 artífices de que o inquérito nos fala, estão ligados a uma evolução original e extraordinariamente sugestiva que tomou a actividade de uma família de cesteiros.

Naquela família, até há duas gerações, faziam-se cestos que se vendiam no mercado local. No entanto, cedo um dos irmãos se apercebeu das reais potencialidades da produção de vime, em si mesma, até porque, à época, saíam todos os anos, da vizinha Marinha Grande, larguíssimos milhares de garrafas e garrafões empalhados... em liaça de vime. Plantou-se pois, no regadio do Liz, um extenso "pomar" de vimeiros, produzidos como se de árvores de fruto se tratassem, cujo vime depois de apanhado, é preparado para venda, assim como a "liaça" (espécie de fitas obtidas do corte longitudinal de caules previamente descascados, as "cascas" são para outro tipo de produtos). A introdução do plástico, sempre ele, que começou a substituir o vime, na protecção dos garrafões levou a um considerável retraimento do mercado, em paralelo aliás com a situação que se vivia, e vive, na cestaria em geral, pelo que houve a intenção de arrancar o pomar de 20

hectares (!) de vimeiros.

Um dos filhos, contudo, com outros horizontes, abertos com um curso de engenharia mecânica, não se conformava com este desfecho e procurou uma saída. Neste momento fabrica móveis, requintadíssimos, de vime (à semelhança do que é tradicional a estrutura é em madeira, recoberta por esteira de vime, cuja manufactura é mecanizada!) que vão satisfazer a procura da classe alta e média-alta para as suas casas de férias. A produção destes móveis nas suas cores da moda, dadas por velaturas que não escondem a textura da fibra vegetal, com os seus estofos de tecidos nobres e padrões coordenados com o tom base das peças de mobiliário, mostra como a inovação, constituindo uma aposta alta e de risco, pode ser ganha, e que artesanato não significa, necessariamente, produtos "étnicos" e "fora de moda", podendo, pelo contrário, atingir o público mais sofisticado e exigente. A produção do "pomar" de vimeiros, alimenta esta produção de móveis e é também comercializada para os cesteiros de todo o país.

No Rossão, Castro Daire, continua a fazer-se a antiquíssima cestaria breza, de palha de centeio e casca de silva, enquanto que em Arzila, concelho de Coimbra, continuam a crescer nos teares de pedras, armados pelas mulheres, as esteiras de buínho, colhido nos terrenos encharcados do Paúl, tal como acontece pelos concelhos de Estarreja, Murtosa e Ovar, nas margens da Ria. Noutros tempos as esteiras serviam para revestir o piso térreo das casas, dar sombra num pátio, proteger da geada as árvores de fruto. Nos nossos dias constituem um dos materiais mais indicados na protecção e transporte de árvores e outras plantas, desde a saída dos viveiros até aos seus destinos mais ou menos distantes, embora se continuem a usar

no chão das adegas ou para dar sombra. Como os caules que as formam são ocos, a esteira funciona também como um isolamento térmico, à semelhança do forro de canas que revestia internamente os telhados na construção tradicional do Sul, pelo que a sombra que proporcionam é muito mais fresca que aquela que é dada por um vulgar “chapéu”. Só por ignorância e falsos conceitos de progresso e urbanidade, se dispensa e põe de parte a esteira de buinho ou junco, nos terraços e esplanadas que o calor do Verão torna tão apetecíveis.

A estes núcleos bem definidos juntam-se ainda os cesteiros espalhados pelo Baixo Mondego, quase todos descendentes de cesteiros de Gonçalo, que há três, quatro gerações ali se fixaram, aproximando a produção do mercado. Na Bairrada os fortes poceiros das vindimas são feitos pelos cesteiros, quase sempre nos meses de Inverno. Contíguos aos pomares de Besteiros, concelho de Tondela, encontram-se os núcleos de Nandufe ou mesmo Lageosa do Dão. Em Nandufe existe a vontade de se continuar a fabricar a famosa “amieira” imortalizada nos quadros quinzentistas de Grão Vasco, enquanto na Lageosa a aposta vai no sentido de se continuar a confeccionar a alcofa de junco, tecido ao tear, como no Juncal.

Penha Garcia no concelho de Idanha, Alfaiates no Sabugal, Junça em Almeida, Famalicão da Serra na Guarda, Vale Formoso na Covilhã, Mata de Lobos em Figueira de Castelo Rodrigo, são outros tantos lugares no Interior, embora com uma clara predominância da Raia, onde se destacam os cadeireiros, a que acrescem as empalhadoras de Proença-a-Nova. As cadeiras, “cruas”, na melhor das hipóteses (as piores pressupõem a utilização de vernizes com que se pretende dar um ar “moderno” e escamotear a imperfeição do afagamento final), apresentam os assentos

em tabúa entrançada que, também no Verão se revelam particularmente frescas. Esta característica permitiria explorar o mercado das casas secundárias, de praia, o que não acontece, pois quase não se encontram fora dos locais de fabrico. Os cadeireiros da Raia confrontados com a concorrência do mobiliário de pinho, que se vende em todas as feiras da região, oriundo, sobretudo, das carpintarias de Pernes, apostaram numa valorização do seu produto que enfatiza o trabalho da madeira, e são torneados, e mais torneados, de que resultam cadeiras “pesadas”, mais caras e (muito) mais desengraçadas que as tradicionais.”

Era esta a situação em 1995, que nos remete para uma região, as Beiras, verdadeira encruzilhada entre o Norte Atlântico e o Sul Mediterrânico, com um Litoral de pequenas planícies abertas às brisas marítimas e um Interior de montanhas e planaltos a acentuar os rigores do frio ou da seca. Uma região onde a arte dos cesteiros nos diz tudo da variedade de quadros geográficos, da diversidade das produções agrícolas, da multiplicidade de influências culturais, da sageza destas gentes. E produzem-se cestos da nobre madeira de castanho, do grácil vimeiro, da abundante acácia, do salgueiro ribeirinho. Das margens dos rios e ribeiros, ou de perto, aproveita-se ainda o zangarinheiro, a junça, o bracejo, enquanto que de águas mais paradas vem a tabúa, o junco, o buinho, a cana. Também o esparto ou a giesta, que cresce pelos montes, são utilizados e, tão ou mais banal, a casca de silva e a palha de centeio são aproveitadas, na que será, porventura a cestaria de mais antiga tradição, a originalíssima cestaria breza do Montemuro.

A diferenciação patente nos objectos, formas e funções ultrapassa ainda a variedade de matérias-primas, seguida de perto pelo grande número dos respectivos nomes

e designações: cesto, cesta, cabaz, alcofa, mala, poceiro, giga, breza, cofinho, ceira, açafate, amieira, canastra, gagreire, condessa, são outros tantos ecos de longínquas etnias, línguas, tradições. De tudo isto nos falam os trabalhos, em que entrançar e entrelaçar fibras vegetais, mais ou menos rígidas, constitui o traço de união. Nesta região, onde se produzem alguns dos cestos mais perfeitos, mais adequados e funcionais, mais bonitos, mais característicos e identificáveis, é a região onde se situa Gonçalo, o mais importante centro de manufactura de cestos de Portugal Continental.

### **3. Cestaria de Gonçalo (onde a terra acaba e as mãos começam)**

Está por fazer a investigação e o estudo que a extraordinária produção de Gonçalo há muito justifica e exige. Desconhece-se em que circunstâncias ali se desenvolveu tão importante centro produtor de uma cestaria que se executa, sobretudo, em vime, mas onde o salgueiro já desempenhou um importante papel. Certo é que o único centro português que pode competir com a cestaria de vime de Gonçalo, a Camacha, na Ilha da Madeira, considera que na sua origem estará um criado originário de Gonçalo que, com o seu amo, integraria os primeiros povoadores da Ilha, oficialmente descoberta em 1419...

Qualquer que seja a verdade que se encontra por detrás desta ficção, é um facto que ela legitima a primazia histórica que, na Camacha, se reconhece a Gonçalo, bem reveladora do respeito que a qualidade, prestígio e importância da cestaria e dos cesteiros de Gonçalo tanto merecem como justificam.

Também se desconhece como se desenvolveu e defi-

niu a sua área de mercado que atingia mesmo o litoral da Região. Os extintos centros produtores da Espadaneira e Taveiro no concelho de Coimbra, ou da Carapinheira do Campo, no de Montemor-o-Velho, ter-se-ão constituído em consequência de antigas rotas, usadas pelos cesteiros de Gonçalo na comercialização dos seus cestos, por todo Campo do Mondego, ou mesmo pela Gândara, onde faziam a Feira de Cantanhede. A ligação do Campo à Serra da Estrela é antiga de séculos, pois que até há vinte anos atrás constituía um dos destinos de Inverno para os rebanhos transumantes.

Não existem, pois, nem a cronologia nem os números que caracterizem Gonçalo e a sua produção ao longo do tempo. A bibliografia que é possível encontrar, remete mais para as técnicas da produção dos cestos do que para as especificidades de cada centro produtor. Alguns dos melhores textos existentes sobre o tema foram escritos por pessoas que não se aperceberam do caso extraordinário que Gonçalo e os seus cesteiros representam e, atrevo-me a dizer, talvez mesmo nunca lá tenham estado...

Quando em 1995 atribuía a Gonçalo a possibilidade de aí existirem 70 a 80 cesteiros, fazia-o na consideração, apenas, de uma assumida profissionalização dos saberes que ali quase toda a população adulta detém.

Muito recentemente, em Maio de 2003, numa reunião na Junta de Freguesia de Gonçalo, o Senhor Presidente da Junta mostrou os primeiros resultados de um conjunto de acções que ali começaram a ser desenvolvidas. No caso tratava-se dos inquéritos feitos a "todos os cesteiros" de Gonçalo, "mais de 300". Num primeiro momento, ao sopesar o conjunto das 219 respostas apuradas, senti o chão a fugir-me debaixo dos pés. Afinal eu estava mesmo errada, e quando em 1995 a Câmara Municipal tinha res-

pondido que seriam 150 os cesteiros de Gonçalo, o erro era por defeito e não por excesso, como havia pensado... O desconforto foi tão forte que não resisti a fazer uma breve análise daquelas respostas.

Tratava-se de fichas de inquérito muito simples, cuidadosamente preenchidas, próprias para começar a avaliar a situação actual, antes de se imaginarem as estratégias que permitam equacionar e resolver os problemas que todos sentem: perda de mercado, concorrência de produtos asiáticos, falta de motivação para os jovens continuarem as oficinas familiares, enfim todas as características de um iniludível declínio.

Os inquéritos, mesmo que sumários, permitem dizer que das 219 pessoas inquiridas, todas sabendo fazer cestos, só 55 têm como profissão "cesteiro" ou "cesteira". Os restantes 164, detentores em maior ou menor grau do conhecimento das técnicas a que, por abreviatura, chamamos "cestaria" mas que incluem também a manufactura de mobiliário em vime ou bambu, ou seja, 74,9% do total ou estão reformados (33,3%), ou têm outras profissões principais (27,5%), ou são domésticas (11,4%), ou estão desempregados (2,7%).

Aqueles que dependem única e exclusivamente da produção tradicional de Gonçalo são pois 55 pessoas a que correspondem cerca de 50 oficinas, pois nalguns casos marido e mulher trabalham juntos. Estes 55 artífices mostram como um número a rondar as 70 a 80 pessoas, estimado em 1995, estaria próximo de uma realidade que, como se percebe, se apresenta sempre muito fluida nos seus limites.

Das 219 pessoas inquiridas 122 são mulheres. Os 97 homens, correspondentes a 44,3% do total estão em minoria. Contudo, quando se consideram só os 55 que fazem

da cestaria o seu principal, quando não o único, modo de vida a proporção altera-se e dos cinquenta e cinco cesteiros apurados, 30 são homens e 25 são mulheres, numa relação de 54,5% e 45,5% respectivamente. Afinal o mester de cesteiro não tem características gêndricas tão acentuadas como se pensa habitualmente e, em Gonçalo, não só é banal haver cesteiras, como essa situação é muito antiga, não tendo nada a ver com movimentos sociais recentes que tornaram natural a ocupação de certas profissões, tradicionalmente masculinas, pelas mulheres (Aliás na produção de Gonçalo, existe mesmo uma "cestaria de mulher", mais fina, minuciosa, frágil, e uma "cestaria de homem", mais robusta, pesada, forte). Talvez por se tratar de uma característica tradicional da divisão do trabalho, nas oficinas familiares de Gonçalo, não se encontram cesteiras-empresárias, isto é, mulheres que além de dominarem os segredos da arte da cestaria, façam a gestão completa da sua produção, colocando-a no mercado, vendendo-a, discutindo preços com fornecedores e clientes. Para além das inevitáveis e escassíssimas excepções, que só confirmam a regra, a mulher, cesteira de Gonçalo trabalha ajudando o marido, como até há pouco as crianças, mal acabada a escola primária, eram postas a trabalhar, a ajudar na oficina dos pais, tios ou vizinhos.

Já se disse que o momento é de crise, senão mesmo de um declínio, palpável nos cestos que se amontoam nos armazéns, no olhar sombrio dos mais lúcidos, na ausência de gente nova que se dedique, a tempo inteiro, à profissão.

A média das idades daqueles duzentos e dezanove inquiridos é muito elevada: 57,3 anos, para os homens e 54,9 anos para as mulheres, tal como seria de esperar com tão grande percentagem de reformados. Contudo, o

que de modo mais significativo traduz o verdadeiro envelhecimento dos cesteiros, daqueles cinquenta e cinco que trabalham a tempo inteiro, nem é o facto da idade média dos homens ser 54,9 anos de idade, e a das mulheres ser de 53 anos, mas sim a circunstância de não se encontrarem cesteiras com menos de 41 anos, nem cesteiros com menos de 36 anos. Mais do que a presente crise, são estes os sinais que exigem que nos interroguemos sobre o futuro desta actividade.

#### 4. Da oficina do passado ao ofício do futuro.

Os cesteiros trabalham, geralmente, em dependências das suas casas. Estas, tanto podem ser uma parte do andar térreo, sobre o qual se ergue o resto da habitação, como um pequeno espaço independente, construído para ser a oficina. Embora já existam casos em que se percebe a preocupação de conseguir algum conforto no espaço oficial, a regra, mesmo nas novas construções é a de uma enorme falta de qualidade: não existem janelas, a luz natural entra pela porta de acesso, que comunica com o exterior o que, considerando a duração e características da estação fria, diz muito da penosidade do trabalho de cesteiro. Os interiores das oficinas raramente estão rebocados ou pintados. O cesteiro, que trabalha com materiais rijos e fibrosos, raramente usa luvas, pelo que as suas mãos estão muitas vezes cheias de cortes. A dureza dos materiais exige que, para poderem ser utilizados, sejam mergulhados em água, o que acentua, sobretudo no Inverno, o frio e o desconforto do ofício.

É neste interior, gelado muitos meses no ano, onde a luz escasseia e não existem salamandras ou qualquer sistema de aquecimento, que as mãos do cesteiro transformam

a matéria prima numa produção que, mesmo quando é robusta, é sempre elegante. Para além do vime trabalhado inteiro ou "rachado" (com auxílio da "rachadeira" um caule dá origem a três ou quatro bocados, cortados longitudinalmente) o cesteiro utiliza, nas peças de mobiliário ou naquelas que exijam maior robustez, estruturas de madeira, muito simples, feitas por carpinteiro. A oficina raramente apresenta mais do que os diferentes molhos de vime, separados pelo respectivo calibre e qualidade (mais fortes, mais finos, com mais nós, mais compridos, mais cónicos, etc) e o local onde o cesteiro trabalha definido pelo assento, baixo, e, ao lado, pela a mesinha de apoio, onde se dispõe uma escassa ferramenta: o furadouro, o martelo, pregos de vários tamanhos, a tesoura de podar, o "endireitador", as "rachadeiras".

É ao carpinteiro que o cesteiro encomenda os moldes que precisa para trabalhar. Nem todos os cestos são feitos com o auxílio de molde, "formas", na terminologia de Gonçalo. Segundo alguns cesteiros os modelos mais antigos de Gonçalo serão aqueles "tecidos às mãos", em que o cesteiro trabalha, no mesmo movimento, vários caules, inteiros, de vime. Talvez que a designação da fantástica "mala de forma" denuncie ter sido o primeiro cesto a ser feito com auxílio de molde. A mesma "mala de forma" é, tal como muitos outros produtos de Gonçalo, tecida a "liaça", uma espécie de fitas de vime, resultado do trabalho da "rachadeira" que abre os caules em três ou quatro bocados, os quais são depois "calibrados", ou seja achatados, por uns cilindros, numa máquina própria (a fieira).

É nesta oficina austera que as mãos do cesteiro "erguem" os cestos que agora tem dificuldades em colocar no mercado. "As pessoas deixaram de os comprar" dizem-nos entre o espanto e a perplexidade.

Há quem avance uma explicação: o preço, que seria muito elevado face à concorrência. Mas será que o preço destes objectos, que significa sobretudo a mão-de-obra que incorporam, é assim tão elevado? Não se vivem tempos em que tem havido dinheiro para tudo?

Talvez que os cesteiros de Gonçalo, como outros da região e do país, ainda estejam demasiadamente vinculados a circuitos comerciais, muito ligados a uma ruralidade que, cada dia que passa, se faz mais memória. Talvez que os cesteiros de Gonçalo necessitem de repensar as formas de escoamento que utilizam, talvez, desde há demasiado tempo. O País mudou e mudou muito. Se as feiras mantêm muita da sua capacidade lúdica, cada vez menos serão o local certo para se atingir um público esquivo, seduzido por modelos de comportamento urbano. Mas essa mesma população que massivamente tem abandonado o interior para se fixar na faixa litoral, ou nos arredores das grandes cidades, necessita nas vivendas, que aos milhares foi construindo, dos muitos cestos que em Gonçalo se continuam a fazer com o brio e a habilidade de sempre. Papeleiras, cestos para a fruta, pequenas estantes e prateleiras, cestos para a roupa suja, “patifes” para a roupa lavada, bandejas para a roupa passada a ferro, “malas de forma” para guardar brinquedos, gigos para a lenha, um sem número de usos que os cestos de Gonçalo permitem. Mas nas grandes cidades não existem locais, bem situados, onde seja fácil atraente e acessível comprar cestos. As grandes cadeias de distribuição de utilidades e pequeno mobiliário (e nestas lojas não se incluem as chamadas “lojas dos trezentos”) não são portuguesas e nelas só se encontram peças espanholas ou asiáticas... porventura mais caras que as de Gonçalo.

Neste contexto de profunda desadequação da oferta

com os locais onde se efectiva a procura não é de estranhar a importância da crise, traduzida pela diminuição de encomendas e pelo abandono da arte pelos mais jovens, que, se nem todos sentem de igual modo, todos reconhecem.

A vida nunca foi fácil para os activos cesteiros de Gonçalo, gente animosa por natureza, que não sabe virar costas às dificuldades e ao trabalho. Se souberem definir correctamente os seus objectivos, se conseguirem reorientar-se em relação a um mercado cada vez mais urbano e sofisticado, se estruturarem as parcerias mais adequadas e congregarem os meios necessários os cesteiros de Gonçalo continuarão, como sempre, a bem tecer.

Os seus cestos e o seu Futuro.

## Bibliografia

- CASTILHO, Artur – *Os Capachos da Bezelga*. Separata do (Boletim da Casa Regional da Beira-Douro, nº 10, VI ano). Ed. da Casa Regional da Beira-Douro, Porto 1956.
- CORREIA, Alberto – *Cestaria da Granja do Têdo - Tabuaço*. Separata. (Revista Beira Alta?), Assembleia Distrital de Viseu, 1979.
- CORREIA, Alberto – *Cesteiros de Nandufe*. Junta Distrital de Viseu, Revista Beira Alta, vol. XXXVI, fascículo 4, 1977 4º trimestre.
- CORREIA, Alberto – *Entraçados e Entrelaçados*. in Catálogo de Artesanato da Região Centro. Instituto do Emprego e Formação Profissional. Delegação Regional do Centro. Coimbra, 1992.
- GALHANO, Fernando – *Cestaria e Esteiraria*. in *A Arte Popular em Portugal*, Direcção de Fernando de Castro Pires de Lima, vol. I Editorial Verbo, 1961.
- KUONI, Bignia; *Cestaria Tradicional Ibérica*. Ediciones del Serbal, Barcelona, 1981.
- LIMA, Rui Abreu de – *Cestaria Tradicional Portuguesa*. Feira Internacional de Artesanato. Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lisboa, 1993.
- PIRES, Ana – *S.O.S Cesteiros* in Revista Mãos nº 17. CRAT. Porto, 2002.
- SILVA, Maria Helena Santos – *O Cesto. Estudo Linguístico, Etnográfico e Folclórico*. Separata da Revista Portuguesa de Filologia. Vol. IX e X, 1959 e 1960. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos. Coimbra, 1961.

## *Gonçalo, where the earth ends and hands begin.*

By Ana Pires, Geographer | Coordination Commission of Portugal Center Region | June 2003

On Serra da Estrela's southern slope, the village of Gonçalo in the county of Guarda, with barely 1,000 inhabitants, harbours the most important community of basket makers in Continental Portugal.

The circumstances that led to the development of such an important basketry centre are unknown. The baskets were usually made from osier, but willow played an important role. The only Portuguese centre able to compete with Gonçalo's osier basketry is Camacha, on the island of Madeira. According to local lore, the craft was imported by a man from Gonçalo who, with his master, joined the first group of settlers on the island, which was officially discovered in 1419.

Whatever the truth behind the fiction, this story acknowledges the historical primacy that Camacha accords to Gonçalo, which itself reveals the great respect inspired by the quality, prestige and importance of Gonçalo's basket making.

The terms "basketry" and "basket-makers" are not fully adequate, as the weaving performed in Gonçalo with vegetable fibres gives rise to a diversified number of objects. Baskets, in many shapes and forms, constitute the most significant part of that production, but there are a great many other products, with osier furniture representing the most important items.

In the land of basket-makers, it seems that everybody can make baskets, or if not, everybody would like to; at the very least it appears there's always someone in the family who is doing it.

However, fewer than 60 craftsmen are actually working full time in this activity, which is one of the most threatened of traditional arts. The basket makers, who just 20 years ago numbered more than 300, are now struggling to survive as competition from Asian products increases and their traditional market decreases.

Given the variety of products that characterizes Gonçalo's production, it is not easy to believe that this is the case. The "patifes", the "bandejas de laço", the "cestos de encaixe", the "gigos", the "guisas", and the stately "mala de forma" (by which the Beira region is identified throughout the country), are so beautiful, functional and ecologically satisfying that it is hard to understand why they are difficult to sell.

Compared to the competition, maybe the prices are too high. But, are they really that high, taking into account all the workmanship in-

olved? And anyway, isn't there money for everything nowadays?

Perhaps Gonçalo's basket makers, like others elsewhere in Portugal, are still too attached to markets tied to a rural way of life which is fast becoming a memory. Perhaps Gonçalo's basket makers need to reconsider the distribution networks they may have been using for too long. The country has changed and it has changed considerably. County fairs may still retain their entertainment value, but they are no longer able to draw elusive consumers seduced by the urban life-style. Nonetheless, these same consumers, who have massively abandoned the interior regions to settle in the coastal areas or in the outskirts of big cities, still need the kind of baskets being made with traditional pride and skill in Gonçalo.

The uses to which Gonçalo's baskets can be put are numerous: baskets for papers, fruit baskets, small bookcases and shelves, laundry baskets, "patifes" for clean linen, trays for ironed clothes, "malas de forma" to keep toys, "gigos" for firewood... The problem is that in the larger cities there are no outlets where buying baskets is both easy and appealing. The large distribution chains specializing in small pieces of furniture and house ware are not Portuguese. These supply only Spanish or Asian pieces, which are often more expensive than Gonçalo's products.

The inadequacy of the supply system debilitates consumer demand for traditional products in the urban centres and reveals the significance of a crisis that is characterized by declining orders and young people abandoning this wonderful craft. Perhaps not everybody feels as strongly about this, but most acknowledge it to be true.

Life has never been easy for Gonçalo's basket makers. They are courageous people by nature, who never turn their backs on difficulties or work. If they can accurately redefine their goals; if they can turn to more urban and sophisticated markets; if they can build commercially viable partnerships and put in place the necessary resources, then Gonçalo's basket makers will be able to keep on weaving both their baskets and their future.



**Cestos com** *asas*



### 1. Cesto do pão

Função da Peça: Colocar pão  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 15cm; Larg: 34cm  
Peso: 743 g  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 2. Baleote

Função da Peça: Colocar produtos alimentares  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 50cm; Larg: 35cm  
Peso: 1000 g  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 3. Cesta de piquenique

Função da Peça: Colocar produtos alimentares  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 20cm; Larg: 24cm; Comp: 45cm  
Peso: 869g  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 4. Cesto de pão

Função da Peça: Colocar pão  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 21cm; Larg: 25cm; Comp: 42cm  
Peso: 805g  
Artesão/Oficina: Armando Dias Carvalhinho  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 5. Cesto de pesca

Função da Peça: Colocar os peixes

Matéria-prima: Vime

Medidas: Alt: 24cm; Larg: 21cm; Comp: 30cm

Peso: 263g

Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 6. Roupeiro

Função da Peça: Colocar roupa suja

Matéria-prima: Vime e pinho

Medidas: Alt: 52cm; Larg: 41cm; Prof: 27cm

Peso: 2500g

Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda



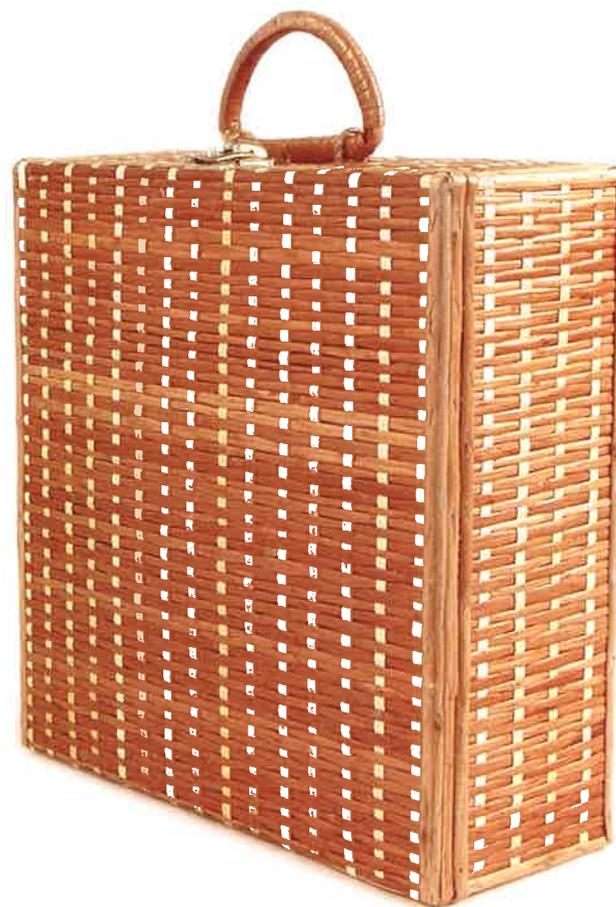


### 7. Queijeira

Função da Peça: Colocar queijo  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 10cm; Diam: 25cm  
Peso: 184g  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 8. Mala de merenda

Função da Peça: Colocar alimentos e garrafa  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 34cm; Comp: 34cm; Larg: 12cm  
Peso: 3000g  
Artesão/Oficina: Paulo Sérgio Fonseca Melo  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 9. Mala de Senhora

Função da Peça: Colocar objectos pessoais  
Matéria-prima: Vime e lacado  
Medidas: Alt: 21cm; Larg: 10cm; Comp: 32cm  
Peso: 1162g  
Artesão/Oficina: Paulo Sérgio Fonseca Melo  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 10. Maletim

Função da Peça: Colocar objectos  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 23cm; Comp: 38cm; Larg: 26cm  
Peso: 1400g  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





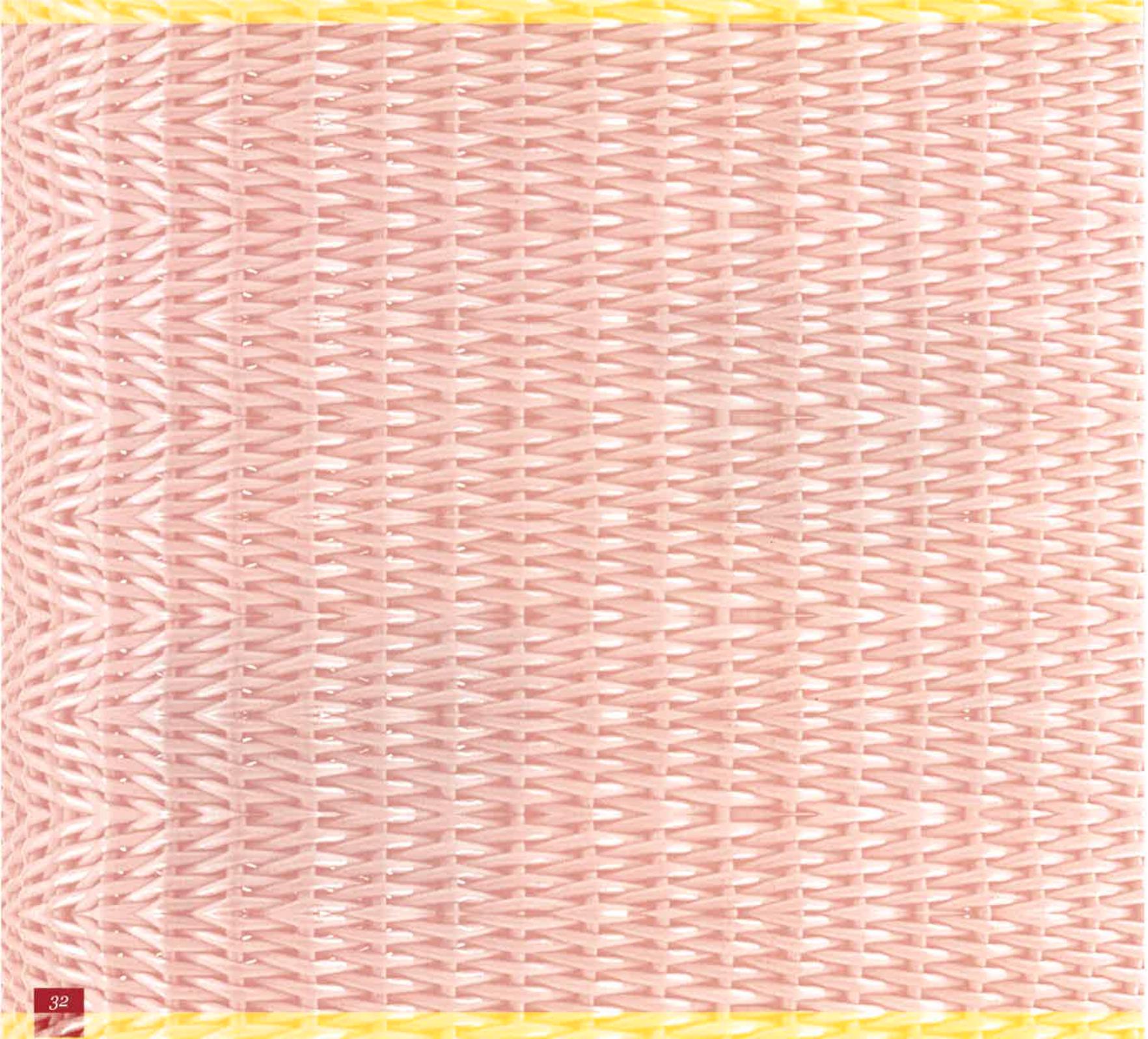
### 11. Cesto "merda seca"

Função da Peça: Lancheira  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 37cm; Larg: 24cm; Comp: 42cm  
Peso: 505g  
Artesão/Oficina: Adélia Carvalhinho  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 12. Cesto de forma

Função da Peça: Colocar alimentos  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 50cm; Larg: 26cm ; Comp: 43cm  
Peso: 1390g  
Artesão/Oficina: Paulo Sérgio Fonseca Melo  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda







### 13. Cesta de três garrafas

Função da Peça: Colocar garrafas  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 14cm; Larg: 14cm; Comp: 32cm  
Peso: 203g  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 14. Cesto tipo luva

Função da Peça: Colocar objectos  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 22cm; Larg: 25cm; Comp: 33cm  
Peso: 682g  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 15. Gigo

Função da Peça: Colocar uvas, lenha, batatas  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 35cm; Larg: 50cm; Prof: 35cm  
Peso: 3500g  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 16. Corbelha

Função da Peça: Colocar flores  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 64cm; Comp: 53cm; Larg: 25cm  
Peso: 675g  
Artesão/Oficina: Alexandre Rente  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 17. Cesto de escova

Função da Peça: Colocar o pente e escova

Matéria-prima: Vime

Medidas: Alt: 16cm; Larg: 12cm

Peso: 53g

Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 18. Tabuleiro

Função da Peça: Colocar tabuleiros de vidro

Matéria-prima: Vime

Medidas: Alt: 4cm; Comp: 35cm; Larg: 21cm

Peso: 235g

Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 19. Cesto de fruta redondo

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 12cm; Larg: 32cm  
Peso: 337g  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 20. Cesta de enxoval

Função da Peça: Colocar renda, linhas e agulhas  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 8cm; Larg: 32cm  
Peso: 340g  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





## 21. Fruteira redonda

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 14cm; Larg: 30cm  
Peso: 316g  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

## 22. Papeleira

Função da Peça: Colocar papéis  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 27cm; Larg: 30cm  
Peso: 369g  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 23. Cesta de Alcobaça

Função da Peça: Colocar produtos alimentares  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 27cm; Larg: 39cm; Comp: 56cm  
Peso: 963g  
Artesão/Oficina: António Manuel Soares Pinto  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 24. Bandeja quadrada

Função da Peça: Colocar doces  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 7cm; Larg: 18cm; Comp: 22cm  
Peso: 110g  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





## 26. Cesta de aba

Função da Peça: Colocar fruta

Matéria-prima: Vime

Medidas: Alt: 20cm; Comp: 25cm; Larg: 37cm

Peso: 400g

Artesão/Oficina: José Afonso Amaral

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

## 25. Alcofa de bebé

Função da Peça: Colocar o bebé

Matéria-prima: Vime e pinho

Medidas: Alt: 21cm; Larg: 45cm; Comp: 75cm

Peso: 3500g

Artesão/Oficina: Manuel Lourenço

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 27. Cesto trigo de quartos

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 20cm; Larg: 20cm  
Peso: 300g  
Artesão/Oficina: José Afonso Amaral  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda



### 28. Porta guardanapos

Função da Peça: Colocar guardanapos  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 12cm; Comp: 23cm  
Peso: 33g  
Artesão/Oficina: Felismina Branco  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda



### 29. Cesto fino oval

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 28cm; Larg: 32cm; Comp: 38cm  
Peso: 427g  
Artesão/Oficina: Gracinda Gonçalves  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 30. Cesta de fruta

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 47cm; Larg: 52cm  
Peso: 982g  
Artesão/Oficina: Maria Luísa Pissara  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 31. Fruteira

Função da Peça: Colocar Fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 28cm; Larg: 27cm;  
Peso: 193g  
Artesão/Oficina: Luísa Monteirinho  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 32. Cesta de fruta de trança

Função da Peça: Colocar Fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 28cm; Larg: 28cm  
Peso: 333cm  
Artesão/Oficina: Fernando Nelas Pereira  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 33. Cesto de fruta com pé

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 41cm; Larg: 30cm  
Peso: 491g  
Artesão/Oficina: Hélder Saraiva  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda



### 34. Cesto fino com argolas

Função da Peça: Colocar material de costura ou fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 14cm; Larg: 28cm  
Peso: 98g  
Artesão/Oficina: Gracinda Gonçalves  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda



### 35. Cesto de fruta de laço

Função da Peça: Colocar fruta  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 35cm; Larg: 38cm; Comp: 48cm  
Peso: 868g  
Artesão/Oficina: Alberto Carvalhinho  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 36. Cesto de laço

Função da Peça: Colocar o pão  
Matéria-prima: Vime  
Medidas: Alt: 7cm; Larg: 24cm  
Peso: 101g  
Artesão/Oficina: Adélia Carvalhinho  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### **37. Cesto-barco**

Função da Peça: Colocar garrafas

Matéria-prima: Vime e pinho

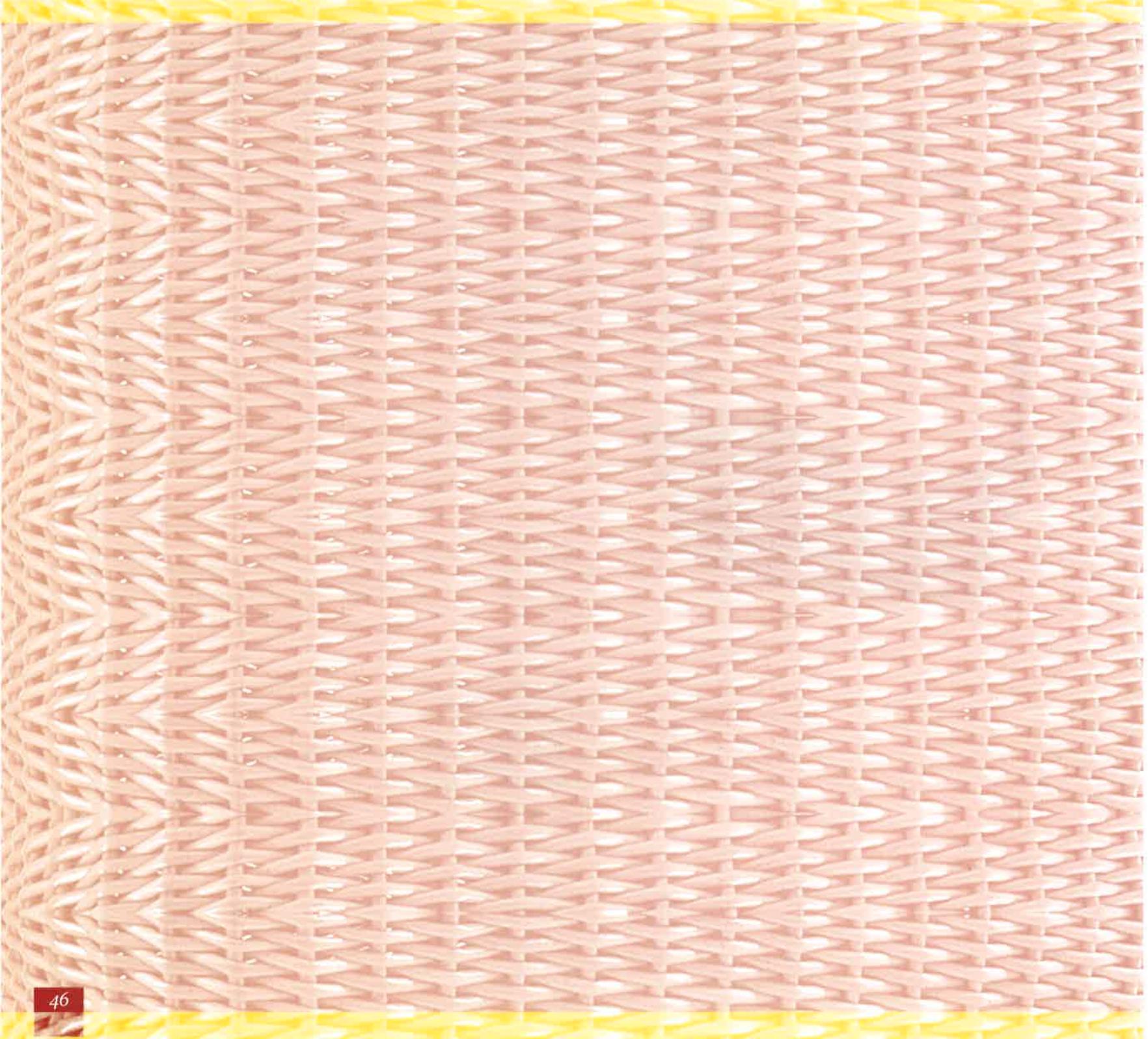
Medidas: Alt: 7cm; Larg: 15cm; Comp: 45cm

Peso: 253g

Artêsão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 38. Cadeira tipo ilha

Função da Peça: Servir como assento  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 88cm; Larg: 54cm; Prof: 40cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 39. Cadeira funil

Função da Peça: Servir como assento  
Matéria-prima: Vime e ferro  
Medidas: Alt: 45cm; Larg: 80cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





#### 40. Cadeira de rótula

Função da Peça: Servir como assento

Matéria-prima: Vime

Medidas: Alt: 112cm; Larg: 50cm; Prof: 47cm

Artesão/Oficina: Raúl Gonçalves

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

#### 41. Cadeira de cozinha

Função da Peça: Servir como assento

Matéria-prima: Vime e pinho

Medidas: Alt: 86cm; Larg: 40cm; Prof: 40cm

Artesão/Oficina: José Mateus

Morada: Gonçalo

Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





### 42. Cadeira de cozinha tipo grade

Função da Peça: Servir como assento  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 91cm; Larg: 46cm; Prof: 37cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

### 43. Cadeira moderna tecida

Função da Peça: Servir como assento  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 95cm; Prof: 40cm; Larg: 21cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





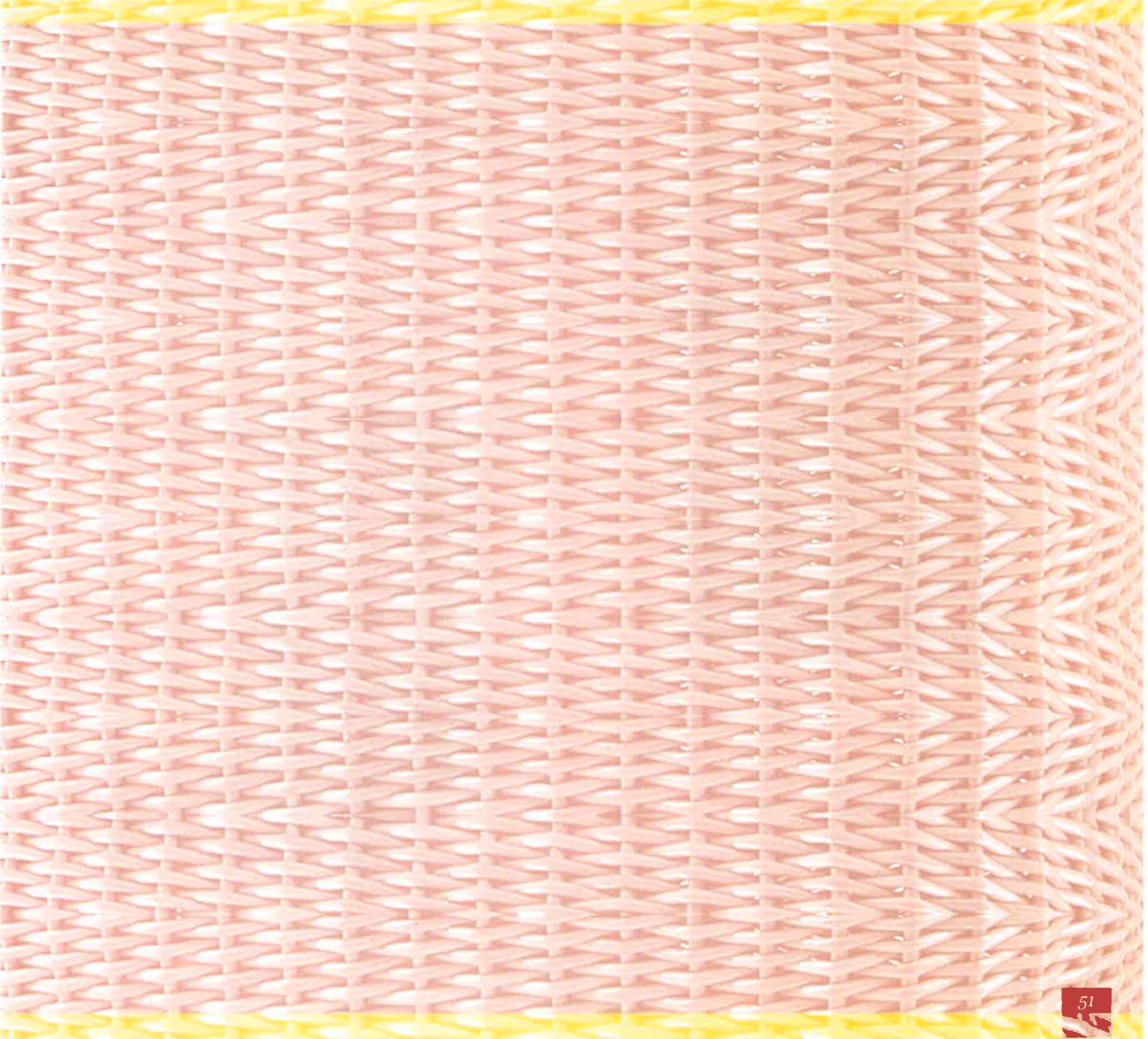
#### 44. Cadeira de concha simples

Função da Peça: Servir como assento  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 93cm; larg: 64cm; Prof: 42cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

#### 45. Cadeira armada

Função da Peça: Servir como assento  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 83cm; Larg: 12cm; Prof: 50cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda







#### 46. Prateleira com portas

Função da Peça: Colocar livros e objectos decorativos  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 105cm; Lar: 60cm; Prof: 25cm  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

#### 47. Prateleira quadrada

Função da Peça: Mesa-de-cabeceira  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 60cm; Lar: 36cm; Prof: 25cm  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda





#### 48. Roupeiro de casa-de-banho

Função da Peça: Colocar roupa suja  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 70cm; Larg: 25cm; Com: 40cm  
Artesão/Oficina: Estela Maria Ramos R. Pires Antunes  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda



#### 49. Mesa tipo ilha

Função da Peça: Colocar objectos  
Matéria-prima: Vime e pinho  
Medidas: Alt: 50cm; Diam: 60cm  
Artesão/Oficina: José Mateus  
Morada: Gonçalo  
Freguesia/Concelho: Gonçalo/Guarda

# Lista de Cesteiros de Gonçalo

Abel Teles Oliveira Robalo  
Acácio Marujo  
Adelino Campos Botas  
Albano Fernandes dos Santos  
Albertina Agostinho Correia Cabeças  
Albertina da Ascensão Barata  
Albertina da Costa Melo  
Alberto Carvalhinho  
Alberto Soares Pereira Carvalhinho  
Alcino Robalo Ramos  
Alexandre Cardoso Rente  
Alexandrina Esteves Marujo  
Alice Branca  
Amélia Monteiro do Nascimento  
Américo Aires Calheiros  
Amilcar Paulino Cabeças  
Amilcar Prata  
Ana Alexandrina Matos Carvalhinho  
Ana Cristina Esteves Oliveira d'Elvas  
Ana da Ressurreição Rodrigues Melo  
Ana Gaspar Teles  
Ana Maria Cabeças da Silva  
Ana Maria da Silva Martins Esteves  
Ana Maria Gonçalves da Silva  
Ana Maria Melo Costa  
Ana Maria Melo Matos Costa  
Ana Maria Pires  
Ana Paula Marques Pina Dias  
Ana Rosa Freire Pina  
Antonino Almeida Pinheiro  
António Almeida Costa  
António Augusto Proença Alves  
António Conceição Marques  
António José Pires Leitão  
António José Santos Dias  
António Lopes Ávila  
António Manuel Melo Ávila  
António Manuel dos Santos Vaz  
António Manuel Soares Pinto

António Pereira de Matos Almeida  
António Pereira Matos  
António Rodrigues Correia Oliveira  
António Santos Rente  
António Silva Dias  
António Torres Dias Carvalhinho  
Armando Carvalhinho  
Armando Dias Carvalhinho  
Arménio Batista Carvalho  
Arminda Jesus Marques Pinheiro  
Armindo Pinheiro Assunção Pereira  
Artur Gonçalves  
Beatriz da Silva Dias  
Beatriz Matos Carvalhinho  
Benvinda Marques Carvalhinho  
Carlos Alberto Martins  
Carlos Manuel da Silva Martins  
Carlos Matos Esteves  
Célia Maria Ferreira Costa  
Célia Rosa Reis Freire  
Duarte Nuno Nelas Palmeira  
Dulce Helena  
Eduardo Almeida Gomes  
Eduardo Pina Cabeças  
Elias Almeida Gomes  
Elvira Soares Melo  
Ernesto Nascimento Gonçalves  
Estela Maria Ramos R. Pires  
Eulália Carvalhinho  
Fátima Jesus Monteiro  
Fausta do Santos Cabeças  
Fausta Pina Cabeças Antunes  
Felismina Branco  
Felismina Matias Lisboa  
Fernando Nelas Pereira  
Florípedes da Conceição Carvalhinho  
Graça Maria Pinheiro Nave  
Gracinda Barata  
Gracinda Gonçalves dos Anjos

Gracinda Jesus Ferreira Assunção  
Graziela Ana Nunes Horta  
Helder Saraiva  
Helena Maria Barbas da Silva  
Hermínia Barata Robalo  
Hermínio Cardoso Rente  
Hermínio Pissarra  
Hipólito Nelas Pereira  
Ilda Rodrigues Castelo  
Irene Proença Alves  
Isaura Vaz Santos Ramos  
Januária Proença Melo  
João Manuel Jesus Antunes  
João Marques Pina  
João Melo Lourenço  
João Soares Tavares  
Joaquim do Desterro Alves  
Joaquim Esteves Marujo  
Joaquim Inácio Henriques  
Joaquim Manuel Marques  
Joaquim Santos  
Joaquim Santos Tavares  
Joaquim Soares Dias Henriques  
Joaquina Rosa Dias Proença  
Jorge Carvalhinho Silva Afonso  
Jorge Faustino  
Jorge Nelas Pereira  
José Afonso Amaral  
José António Barbas Costa  
José António Ferreira Gil  
José António Pissarra Monteiro  
José António Rosa Dias  
José Augusto Sebastião  
José Carlos Matos da Costa  
José da Silva Dias  
José Duarte Perfeito  
José Fonseca  
José Inácio Esteves Melo  
José Joaquim Marques Saraiva

José Manuel Gomes Cabeças  
José Martins Pina  
José Mateus  
José Melo da Silva  
Júlio Nunes Silva Horta  
Laura Cunha Tavares  
Lídia Maria Santos Ramos  
Lídia dos Santos Rocha  
Lídia Maria da Silva Ávila  
Lídia Maria Gonçalves Casimiro  
Lúcia Proença Marujo  
Luís António Soares Marujo  
Luís Filipe de Melo Bernardo  
Luís Pina  
Luísa Monteirinho  
Manuel S. Dias  
Manuel Augusto Matos Pina  
Manuel Calheiros Monteirinho  
Manuel Joaquim Barata dos Santos  
Manuel Lourenço  
Manuel Matias Gerardo  
Manuel Silva Dias  
Manuel Vaz Pinto  
Maria Adélia Dias Carvalhinho Gomes  
Maria Alcina Matos Pina Soares  
Maria Alcina Nascimento Mateus  
Maria Alexandrina Afonso Pinto  
Maria Alexandrina Cristóvão Gonçalves  
Maria Alice Campos Botas Calheiros  
Maria Alice da Silva Ávila  
Maria Alice Esteves Pina Sá  
Maria Alice Gonçalves Almeida  
Maria Alice Vaz  
Maria Amélia Nascimento Costa  
Maria Amélia Proença  
Maria Anunciação dos Santos Costa  
Maria Armanda Carvalhinho Caetano  
Maria Beatriz Ramos Silva Costa  
Maria Bidarra Almeida

Maria Cândida Nelas Henriques Marques  
Maria Carma Matias Pissara  
Maria Clara  
Maria da Conceição Fernandes Pereira Rente  
Maria da Conceição Jesus G. Pina  
Maria da Conceição Vaz Pinto  
Maria da Purificação Almeida Leal Marques  
Maria da Ressurreição Soares de Matos  
Maria de Fátima Barata Santos  
Maria de Fátima Dias Henriques Vinagre  
Maria de Jesus Pires Dias  
Maria do Céu Almeida Couto  
Maria do Céu Jesus Gomes  
Maria do Nascimento Proença Botas  
Maria do Patrocínio Nelas Gomes  
Maria dos Anjos Santos Mendonça  
Maria Dulce Casimiro Lourenço  
Maria Emília Costa Carvalhinho  
Maria Estrela Teles Gonçalves Guedes  
Maria Fausta Horta da Silva  
Maria Fernanda Pina  
Maria Florinda Varandas Monteirinho Santos  
Maria Graça Santos Cabeças Marujo  
Maria Helena dos Reis Freire Horta  
Maria Helena Gaspar Melo  
Maria Helena Gomes  
Maria Helena Parente Rocha  
Maria Helena Proença Alves Amaral  
Maria José Almeida Gomes  
Maria José Cruz Neto Oliveira  
Maria Judite Cabeças Pinto Marujo  
Maria Lídia Marujo  
Maria Luísa Marques da Silva Martins  
Maria Luísa Silva Pissarra  
Maria Lurdes Lourenço Nelas  
Maria Lurdes Pissarra  
Maria Lurdes Ramos Barbas Vilão  
Maria Lurdes Teixeira Marques  
Maria Manuela Melo Bernardo

Maria Nascimento Correia Santos  
Maria Natividade Horta Silva  
Maria Olívia Proença Esteves Carvalhinho  
Maria Pina  
Maria Resgate Gonçalves dos Ramos Perfeito  
Maria Salomé de Oliveira Nascimento  
Maria Silva Dias  
Mário Ambrósio Pinheiro  
Mário Cristóvão Oliveira  
Olga Maria Ferreira Antunes Dias  
Olívia Conceição Santos Pina  
Orlando Soares Tenda da Silva  
Orlindo Barata Robalo  
Orlindo Soares Tenda da Silva  
Octávio Ramos Lourenço  
Otilia da Conceição Marques do Carmo  
Paula Cristina Matos Costa Gomes  
Paulo Jorge Gomes Dias  
Paulo Sérgio Fonseca Melo  
Ramiro Jesus Soares Esteves  
Raul Campos Vaz  
Raúl Gonçalves  
Raúl Teles Melo  
Ricardo Costa Pereira de Matos  
Rosa Maria Nunes Silva  
Sandra Maria Silva Dias  
Sara Maria Silva Castro Santos  
Sílvia Silva  
Silvino Lopes Gomes  
Teresa Lopes da Silva  
Urbana Esteves Marujo  
Virgílio Fontes Rodrigues  
Vitor Mateus  
Zulmira Marques Almeida Tavares  
Zulmira Silva Ávila Marques

# Objectos, Afectos e Transfigurações



## Pe. João Parente

Nasceu em Belmonte no dia catorze de Setembro de 1928 e vive em Gonçalo.

Pároco de Gonçalo.

### Objectos:

Cruz e galheteiro em vime



## Maria do Carmo Borges

Nasceu em Falgosinho no dia trinta de Dezembro de 1947 e vive na Guarda.

Professora. Presidente da Câmara Municipal da Guarda.

### Objectos:

Secretária, cadeiras, cesta de escova, cesto redondo, solitário e papeleira em vime



## José Martins Igreja

Nasceu na Castanheira no dia nove de Fevereiro de 1955 e vive na Guarda.

Advogado e Presidente da Assembleia Municipal da Guarda.

### Objectos:

Tampo de uma queijeira, base para copo, garrafa, banco e jarrão para decoração em vime



## Joaquim Augusto Nunes de Pina Moura

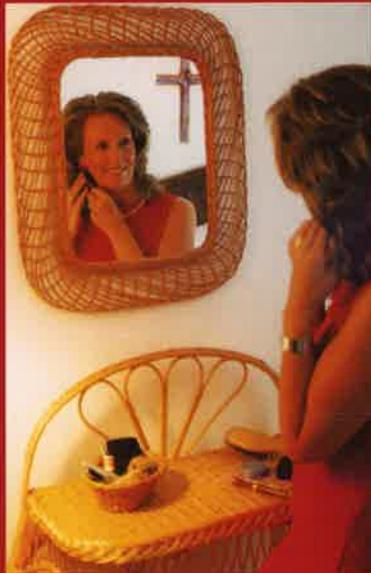
Nasceu em Loriga, Seia, no dia vinte e dois de Fevereiro de 1952 e vive em Lisboa.

Economista, Deputado à Assembleia da República pelo círculo da Guarda.

### Objecto:

Mala de executivo em vime

Fotos de Armando Neves, encenadas por Américo Rodrigues para a Exposição "A Memória das Coisas - objectos e afectos" 8 de Gonçalo (de 28 de Julho a 26 de Agosto de 2003)



### Ana Manso

Nasceu em Videmonte no dia trinta de Março de 1956 e vive na Guarda.

Administradora Hospitalar, Deputada à Assembleia da República pelo círculo da Guarda.

**Objectos:**

Credência, espelho, cesto oval, colar e brincos em vime



### Inês Monteiro

Nasceu na Guarda no dia dezoito de Maio de 1980 e vive na Guarda.

Atleta de Alta Competição.

**Objecto:**

Sofá em vime



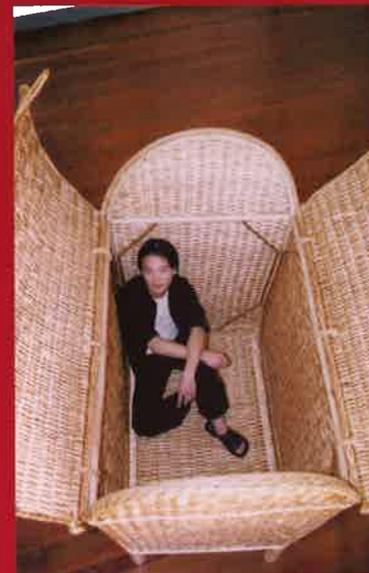
### José Neves

Nasceu em Trancoso no dia vinte e dois de Abril de 1965 e cresceu na Guarda. Vive em Setúbal.

Actor do Teatro Nacional D. Maria II.

**Objecto:**

Tampa de cesto do pão em vime



### Wang Luo

Nasceu em Xangai [China] no dia doze de Setembro de 1982 e vive na Guarda há 4 anos.

Empregado de mesa

**Objecto:**

Cesto de forma gigante em vime



